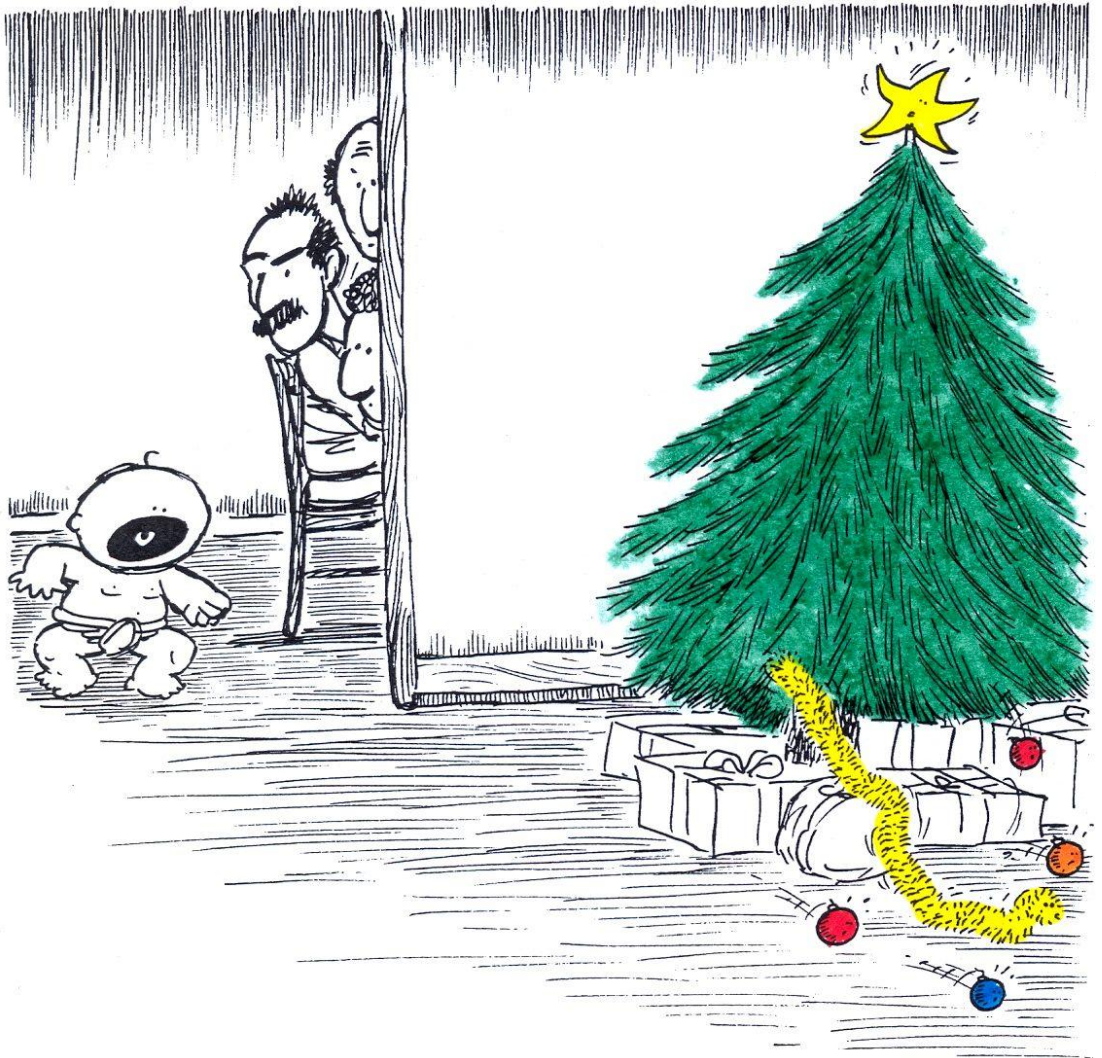


136



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 2

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em depósito bancário a **EDGARD GUIMARÃES**.

Gerações II (Opera Graphica) (B) 3 – R\$ 3,00 * **Vampi – Amor Sanguento** (Devir) (MB) – R\$ 10,00 * **Holy Avenger** (Trama) (MB) 14 – R\$ 3,00 * **Holy Avenger Especial** (Talismã) (MB) 4 – R\$ 3,00 * **Holy Avenger VR** (Talismã) (MB) 7 – R\$ 3,00 * **As Mil e Uma Noites** (Circo) (B) – R\$ 10,00 * **Alta Tensão** (fanzine) (B) 5 – R\$ 2,00 * **Poder de Fogo** (fanzine) (B) 1 – R\$ 2,00 * **Star Wars – Ressurreição** (Pandora) (MB) – R\$ 4,00 * **Lobo Solitário** (Sampa/1ª s.) (P) 1 – R\$ 3,00 * **Crying Freeman** (Sampa) (B) 2 – R\$ 5,00 * **A Vingança de Drácula** (Sampa) (R) 1 – R\$ 3,00 * **Star Force** (Sampa) (B) 1 – R\$ 4,00 * **Drácula – A Sombra da Noite** (Sampa) (R) 5 – R\$ 3,00 * **Herói Gold** (Sampa/Acme) (B) 38 – R\$ 3,00 * **Suplemento Quadrinhos** (MB) 2, 3 – R\$ 6,00 c/ * **Jornal AQC 4** (B) – R\$ 2,00 * **Status Quo** (fanzine) (R) 7 – R\$ 2,00 * **Na Era dos Quadrinhos** (fanzine) 3 (R) – R\$ 2,00 * **Epidemia** (fanzine) 15 (B) – R\$ 2,00 * **Renovação Total** (fanzine) (B) – R\$ 2,00 * **Quadrinhos Magazine** (fanzine) 3 (B) – R\$ 2,00 * **Deshquê** 1 (B) – R\$ 3,00 * **Mad** (Record) (P) 14, 107, 109, 118, 127 – R\$ 2,00 c/ * **Mad** (Record) (R) 22, 24, 86, 105, 124-A – R\$ 3,00 c/ * **Mad** (Record) (B) 26, 115, 124-A, 144, 150, 158 – R\$ 4,00 c/ * **Mad Especial** (Record) (R) 8 – R\$ 3,00 * **Mad** (Mythos) (B) 1, 7 – R\$ 4,00 c/ * **Mad Especial** (Mythos) (B) 1 – R\$ 4,00 * **Suruba** (Phenix) (R) 1 – R\$ 3,00 * **Udigrudi Extra** (Phenix) (B) 1 – R\$ 3,00 * **Udigrudi Especial** (Phenix) (B) 1 – R\$ 3,00 * **Curso Prático de Desenho** (Escala) (MB) 4, 13, 19, 27 – R\$ 5,00 c/ * **Supercine** (Escala) (MB) 12 – R\$ 3,00 * **Olha a Frente!** (Escala) (MB) 1 – R\$ 3,00 * **Biscate** (Escala) (MB) 1 – R\$ 4,00 * **Beavis e Butt-Head** (Escala) (MB) 6, 10 – R\$ 4,00 c/ * **Comix Milênio** (Escala) (MB) 1, 4, 7 – R\$ 4,00 c/ * **Literatura Brasileira em Quadrinhos – Uns Braços** (Escala) (MB) – R\$ 6,00 c/ * **Sonic** (Escala/formato americano) (B) 2, 6 – R\$ 3,00 c/ * **Street Fighter II** (Escala) (B) 6, 13, 15 – R\$ 3,00 c/ * **Comics Generation** (Escala) (B) 5 – R\$ 3,00 * **Ex-Terminator** (Escala) (B) 3 – R\$ 3,00 * **Bill Body** (Escala) (R) 1 – R\$ 2,00 * **Comix** (Escala) (B) 3, 6, 10, 28, 44 – R\$ 3,00 c/ * **Comix Especial** (Escala) (MB) 1 – R\$ 3,00 * **Ariel** (Escala) (B) 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9 – R\$ 3,00 c/ * **Contos Dubalacubacu** (Escala) (B) 1 – R\$ 3,00 * **Daniel** (Escala) (B) 6 – R\$ 3,00 * **Graphic Talents** (Escala) (MB) 15 – R\$ 3,00 * **Mico Legal** (Escala) (MB) 2 – R\$ 3,00 * **As Aventuras do Didizinho** (Escala) (MB) 3, 6, 9, 10, 13 – R\$ 3,00 c/ * **Super-Herói** (Acme) (MB) 4 – R\$ 4,00 * **Herói Especial** (Conrad) (MB) 2, 5 – R\$ 4,00 c/ * **A Playboy** (Conrad) (MB) – R\$ 15,00 * **Vagabond** (Conrad) (B) 9, 25, 40 – R\$ 5,00 c/ * **Cavaleiros do Zodíaco** (Conrad) (MB) 38 – R\$ 5,00 * **Evangelion** (Conrad) (MB) 1, 15 – R\$ 5,00 c/ * **Canalha** (Brainstore) (R) 2 – R\$ 3,00 * **Mistério Divino** (TEQ) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Bruxaria – La Terreur** (TEQ) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Origem Edição Especial** (Panini) (MB) – R\$ 30,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 136 NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 2015

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (12) 3941-6843 – 2ª a 5ª feira, após 20h.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

EDITORIAL

Claro que eu poderia dizer que o atraso no último número de 2015 foi para não pegar os atropelos do Correio no fim de ano. Não foi, mas quero crer que o importante é que tenha saído, ainda que em janeiro de 2016.

Uma edição normal, com pouco artigo de minha autoria e mais reproduções de textos de outras fontes, mas ainda uma boa leva de leituras. Além da coluna de Worney.

Nos desenhos e ilustrações, as participações de Paulo Miguel dos Anjos, Maurício Tadeu, Luiz Cláudio Lopes Faria, Chagas Lima, Wellington Santos, Guilherme Amaro e Adatao Silva. Um curiosidade: uma boa quantidade de imagens, cartuns, ilustrações e cartões de fim de ano enviados pelos leitores, de própria lavra ou colhidos em fontes diversas.

E para fechar o ano, um encarte caprichado, que estava praticamente pronto há um ano, mas só agora consegui terminar e imprimir. Trata-se do 3º volume de ‘Pequena Biblioteca Sobre Histórias em Quadrinhos’, dedicado ao “Suplemento de Quadrinhos da Folha de S. Paulo”. Espero que apreciem.

Boa leitura!



ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

RENOVAÇÃO DE ASSINATURA

Acabou 2015!

Fazer o quê?

Renovar a assinatura do “QI” para 2016.

Este nº 136 do “QI” é o último referente à assinatura para 2015.

O preço da assinatura para 2016 continua a ser R\$ 25,00, correspondente aos nºs 137 a 142.

O valor da assinatura é por conta do aumento do porte do correio, que passou a ser o 3º porte devido aos encartes e suplementos que tenho sempre acrescentado ao “QI”.

As informações para a renovação estão ao lado na página 2.

Não esqueçam de me avisar quando o pagamento for feito, para que eu possa saber quem fez a assinatura, atualizar meu banco de dados, e garantir que o assinante receba os “QIs”.



Cartão enviado por José Augusto Pires.



BENJAMIN PEPPE

Ilustração de Benjamin Peppé, de Paulo Miguel dos Anjos, feita por Maurício Tadeu.

JAYME CORTEZ

UM ARTISTA PORTUGUÊS QUE O BRASIL GANHOU

Carlos Gonçalves

Matéria publicada no jornal português “Correio da Manhã” em 19/07/1981

Falar de Jayme Cortez é para nós um prazer muito especial. Primeiro porque se trata de um desenhador português muito particular, pois todos nós devemos ter um certo respeito por aqueles que, por motivo das circunstâncias, se viram obrigados a emigrar deste país, que nem sempre dispõe das condições essenciais para a sobrevivência de alguns de seus filhos, que desejam e insistem, em viver de uma Arte que resolveram adoptar, como aquela que na realidade lhes dá mais prazer em trabalhar. E se pensarmos bem, a maior parte dos seres humanos não trabalham naquilo que gostariam de fazer. Trabalham por “acidente”, porque assim tem que ser, a sobrevivência assim o exige, e nunca por vocação. Estão naquele caso o Péon, o Coelho, o Roque e este autor. Por todos eles deveremos ter um carinho especial, pois a saudade da sua terra nunca morre, embora muitas vezes ela esteja camuflada numa camada (tão fina) de irritação, que não é mais do que uma certa mágoa, por não lhes ter sido possível subsistir no seu Portugal. Está nesse caso o Coelho. O Péon, felizmente para nós, sempre conseguiu regressar e viver do seu trabalho.

Em segundo lugar, Jayme Cortez é extremamente simpático e tem acedido a todos os nossos pedidos, além de certa deferência que temos para com ele, porque tem continuado a lutar na sua segunda pátria, por um “lugar ao sol” a que tem direito, além de tentar divulgar a Banda Desenhada naquele país, inclusive a ilustração, pois infelizmente, lá como cá, o problema é o mesmo.

Assim, resolvemos fazer-lhe uma entrevista, juntamente com a qual, recebemos uma série de artigos e de informações de interesse, que nos irão permitir dar a conhecer aos nossos leitores em geral e aos sócios do CPBD (Clube Português de Banda Desenhada) em particular, uma nova faceta da vida deste artista. O espaço que temos neste jornal é curto e não nos permitirá apresentá-lo como o deveríamos fazer e ele merece. No entanto, dentro das nossas possibilidades e um pouco sucintamente, iremos fazê-lo, lembrando desde já, que num futuro próximo e num dos boletins do CPBD a ser publicado, neste caso já o número 30, incluiremos a vasta documentação que nos forneceu e de que estamos certos, irá agradar à maior parte dos interessados.

Vamos agora às perguntas:

Quando e onde nasceu?

Nasci no Bairro Alto, na Rua da Atalaia, 87, em 8 de setembro de 1926 (faz tempo!). Fiz o primário lá no bairro, na Rua da Rosa e o secundário no Machado de Castro. Não o completei por falta de verba. Meu pai morreu e eu assumi o comando da família.

Como começou a trabalhar? Foi logo em Banda Desenhada ou teve outra profissão anteriormente?

Depois de vários empregos desastrosos à minha sensibilidade de autor de Banda Desenhada, que no meu tempo tinha o prosaico nome de História em Quadradinhos, mostrei os meus rabiscos a lápis (nessa época eu não tinha ainda descoberto a tinta da china) ao Coelho em “O Mosquito”. Tive sorte. Ele adoptou-me até hoje!

Quando sentiu a “chama” da Banda Desenhada?

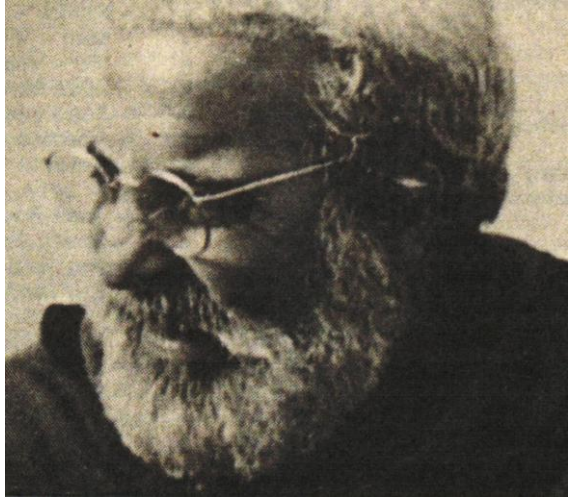
A “chama” pelos Quadradinhos começou bem cedo, pois um amigo de meu pai, um velho sapateiro, recebia os Suplementos coloridos dos jornais dos EUA. Quer dizer, que em 1932, eu já via a cores o Raymond, o Foster, o Cannif e todos os Mestres norte-americanos.

Por que chama ainda hoje “Mestre” ao Eduardo Teixeira Coelho?

Eu sou do tempo em que se usavam “Mestres”... e Eduardo Teixeira Coelho foi um mestre para mim, além de colega e protector, e, principalmente, um verdadeiro amigo. É um homem muito generoso, ao ponto de acreditar no meu talento... continuamos grandes amigos, e, sempre que posso, vou até Florença ficar uns dias com ele.

Também conviveu com o Vitor Péon e com o José Garcês quando esteve no “Mosquito”?

O Vitor Péon trabalhou lá nos meus tempos de começo, já o Garcês entrou quando eu estava de partida para o Brasil.



Conte qualquer episódio que se lembre da sua passagem pelo “Mosquito”...

Em 1945, o Cardoso Lopes perguntou-me porque razão eu só estava a usar homens na minha história ‘Os Dois Amigos na Cidade dos Monstros Marinhos’. Foi uma luta para conseguir um modelo que possasse nua, pois todos os meus estudos eram feitos “ao vivo”, por ordem do Mestre Coelho. Deu uma aventura engraçadíssima, que eu um dia contarei com pormenores.

Quando emigrou para o Brasil e por que razão?

Como tinha dito anteriormente, tive conhecimento dos trabalhos dos Mestres norte-americanos, que mais tarde o Brasil começou a publicar, e esse foi o “chamariz” que me fez emigrar para este país em março de 1947, além dos preços irrisórios porque eram pagos os nossos trabalhos em Portugal.

Sabemos que o Cardoso Lopes emigrou também para o Brasil. Esteve com ele? Sabe onde se encontra?

Cheguei ao Brasil em 47 e o Cardoso Lopes um par de anos mais tarde. Convivemos e trabalhamos juntos, mas hoje não consigo saber onde está.

Qual foi o primeiro emprego no Brasil? Foi-lhe difícil vencer?

No começo, no Brasil, tive certas dificuldades, para começar, mas fiz muitos amigos que acreditavam nos Quadrinhos e durante muitos anos lutamos duro, coisas que fazemos naturalmente até hoje. Fiz muita coisa para conseguir vencer, desde capista, cartazista, publicitário, TV, Director de Cinema e até actor de cinema. Faço muita ilustração de livros.

Sabemos que já foi várias vezes a Lucca e a outros países, participando em Festivais Internacionais. Qual é a sua opinião sobre eles?

Nos Festivais Internacionais, eu represento o Brasil (sou naturalizado há muito tempo), e já fui várias vezes a Lucca, Paris, Roma, Nova Iorque, Buenos Aires, Córdoba, etc... Conheço, convivo e correspondo-me com os grandes autores internacionais. Sempre que posso, participo nesses Festivais, e se tudo correr como penso, em 1982 estarei participando do Bial de Lucca e na volta, por Nova Iorque, visitarei vocês em Lisboa, pois vou passar por Barcelona, como sempre faço, para ver o meu grande amigo Jesus Blasco e os seus irmãos. Nesses Festivais e Congressos, conheço os colegas, as tendências editoriais, editores, faço intercâmbios, conheço novos mercados, etc...

Quais têm sido as suas atividades em benefício da Banda Desenhada no Brasil?

Mando-lhe um artigo onde se encontra tudo isso discriminado e que agradeço a sua transcrição.

Assim fazemos:

1948 – Adaptação de Clássicos da Literatura Nacional em quadrinhos, para tiras diárias e revistas.

1951 – Um dos organizadores da 1ª Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos (1ª no mundo).

1955 a 1965 – Nacionalização das Histórias em Quadrinhos no Brasil. Criação de revistas com tipos nacionais.

1949 a 1968 – Nacionalização das capas de revistas de Histórias em Quadrinhos, usando modelos vivos e fotos encenadas, no estilo internacional. Técnica inédita no Brasil.

1965 – Professor de História em Quadrinhos na Escola Panamericana de Arte.

1965 – Lança o livro “A Técnica do Desenho”, sobre o panorama artístico das Histórias em Quadrinhos no Brasil. Os originais deste livro representam o Brasil na Bial. Colabora com este material para uma exposição na Itália.

1966 – Participa do II Congresso de História em Quadrinhos em Lucca (Itália) com o livro publicado no ano anterior.

1968 – Participa da equipe que organiza, estuda, seleciona além de representar o material que foi exposto na Argentina, apresentou também todo o movimento das Histórias em Quadrinhos no Brasil desde o seu início.

1970 – Lança seu segundo livro, “Mestres da Ilustração”, no Museu de Arte de São Paulo.

1972 – Participa do “The First of Comics” em New York.

1972 – Lança o 3º livro, “Manual Prático do Ilustrador”.

1973 – Participa do IX Congresso Internacional de Histórias em Quadrinhos em Lucca (Itália) com Histórias em Quadrinhos e um filme de animação sobre o Movimento nas Histórias em Quadrinhos.

1974 – Colabora com a revista “Crás!” da Editora Abril, com a história ‘Retrato do Mal’, neste mesmo ano apresenta um filme da mesma história no I Congresso de História em Quadrinhos em Avaré.



1975 – A partir de um esforço editorial da Editora Saber, lança este ano um álbum com uma nova proposta de herói e História em Quadrinhos: “O Zodiáko”. Recebe também o Diploma de Honra ao Mérito por sua contribuição às Histórias em Quadrinhos. Pelo conjunto de sua obra e seu trabalho em “O Zodiáko”, recebe o troféu “O Tico-Tico”, prêmio máximo das Histórias em Quadrinhos, instituído pelo II Congresso de Histórias em Quadrinhos de Avaré, em setembro último.

1976 – Sua história ‘Zodiáko’ é publicada em Gênova na revista “St. Kirk”, bi-mensal sobre o estudo dos quadrinhos internacionais.

1979 – Volta em começo deste ano a ser publicada no Brasil em série na revista “Eureka” da Editora Vecchi, também interessada em estudos e nostalgia das Histórias em Quadrinhos. Em preparação para ser publicada na França por Claude Moliterni. Foi publicada pela editora Portugal Press, de Roussado Pinto, em Lisboa e está em negociação com outros países.

Actualmente é o director de arte na Maurício de Sousa Produções nos projectos de merchandising e na produção de desenhos animados.

Em maio de 1979, expõe sua obra na 1ª Bienal Internacional e 4ª Bienal Argentina de Humor e Historietas em Córdoba, Argentina.

Nos últimos três anos ajuda a activar a luta dos ilustradores com exposições anuais no Museu de Arte de São Paulo, com o patrocínio corajoso de Pietro Maria Bardi.

Depois de muito tempo, volta a pintar numa safra muito particular e envereda pela litografia, cujos trabalhos são sua última pesquisa.

Qual é a sua opinião sobre a Banda Desenhada em Portugal? e no Brasil?

Sobre a Banda Desenhada em Portugal vocês têm mais informações e dados do que eu, embora acredite que têm bons argumentos e bons desenhos em Histórias em Quadrinhos bem portuguesas, cuja “marca” jamais virá do exterior. E têm fortes possibilidades perante um público já saturado de “clichês” importados.

Os preços irrisórios com que são vendidas as histórias importadas destroem todas as oportunidades dos artistas nativos, pois as editoras preferem histórias famosas por preços mínimos. O problema no Brasil é o mesmo. Mas há sempre uma meia dúzia que não desiste, como eu, o Maurício de Sousa, Ziraldo e muitos outros, que têm lutado comigo até hoje.

O Maurício de Sousa com a Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali, como também o Pelezinho, todos bem brasileiros, são campeões de vendas, acima das da Banda Desenhada importada.

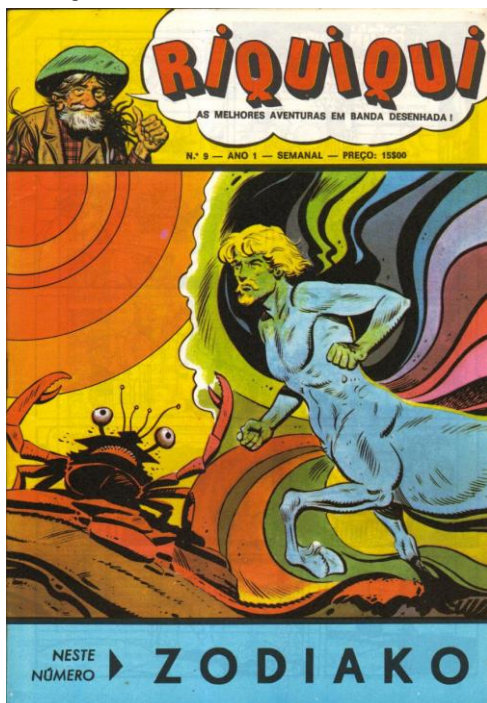
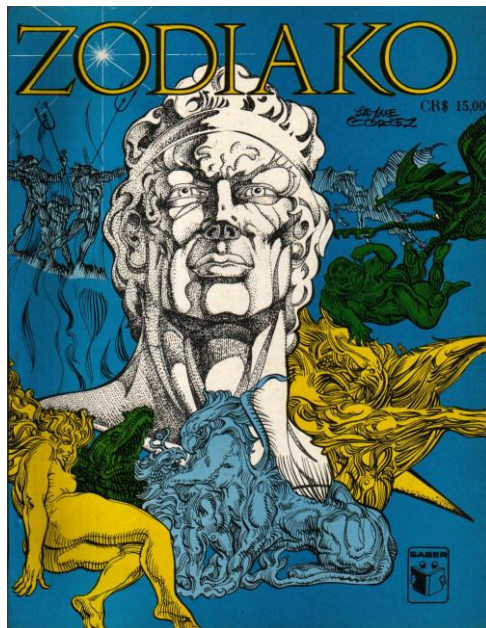
Sabemos que no Brasil foi instituído um prêmio com o seu nome...

É verdade. Trata-se do único prêmio “vivo” no Mundo. O Banco Itaú ofereceu 30.000 cruzeiros no I Concurso Brasileiro de Cartaz de Cinema. Foi ganho por Júlio Shimamoto e Paulo Hiroshi.

Diga-nos o que faz agora...

Sou o Director de Arte do Maurício, minha “velha” cria. Estou mais ligado ao merchandising e desenho animado. O meu tempo livre é dedicado a estudar pintura, litografia e continuar com o ‘Zodiáko’ para Lucca 82.

Para o Maurício, de vez em quando, faço estudos de tendências criativas em brinquedos e produtos infantis para a Alemanha, França e Nova Iorque. Estudo também Arte, Cinema, Teatro, etc... Uma vez por outra, participo como actor em filmes “malditos”, de terror, violência, etc., de directores amigos meus e, parece incrível, já fiz justamente o contrário... Colaborei em comerciais de TV como frade...



PAI MAIS RÁPIDO!!

Três colegas de escola disputam qual o pai mais rápido!!

Meu pai tem um carro, ele é tão rápido que atravessa a cidade em uma hora!!

Meu pai é super rápido, atravessa a cidade de moto em 5 minutos!!



O meu pai é mega hiper super rápido, ele é funcionário público. Ele trabalha até as 5:00 horas, mas 2:30 da tarde ele já está em casa!!!



LUIZ FÁRIA

zeca e o boletim!

Pai, hoje recebi o meu boletim escolar.

Eu quero ver!

Não dá! Emprestei!



Emprestou o seu boletim escolar?!? Mas por quê??

Meu amigo vai dar um susto no pai dele!!



LUIZ FÁRIA

CRIANÇA TEM CADA UMA!!

Pai, é verdade que em algumas partes da África, e do Oriente Médio o homem não conhece sua esposa até casar com ela?

Aqui também é assim, filho!!



LUIZ FÁRIA

DEPOIMENTO DE JOSÉ RUY

*Trechos de Depoimento de José Ruy publicado no blog <http://bloguedbd.blogspot.pt>.
Esta segunda parte fala sobre os jornais infantis “O Mosquito” e “O Papagaio”.*

A colaboração com o jornal **O Mosquito** tinha um avanço de algumas semanas em relação à sua publicação. As provas das histórias inglesas chegavam em pequenos lotes, com irregularidade devido aos efeitos da Segunda Guerra Mundial e alguns episódios perderam-se por terem sido bombardeados os navios que traziam esse correio. Daí as falhas na sua publicação, obrigando a dar pequenos saltos na história, que o Raul Correia compensava num texto a fazer ligação com as cenas anteriores.

Esse avanço permitia ao seu autor evitar a interrupção de uma história se algo lhe acontecesse, mesmo temporariamente. Em 1946, o Teixeira Coelho teve um esgotamento devido ao muito trabalho que desenvolvia. Esteve umas semanas em repouso, mas isso não se sentiu no ritmo da publicação das suas ilustrações. Restabelecido, conseguiu recuperar rapidamente o avanço perdido. Nessa época não era costume os autores entregarem a história completa antes do início da publicação e acontecia até, embora o argumento estivesse alinhavado desde o princípio, fazerem alterações, às vezes por influência de alguma opinião vinda do público mais chegado que ia acompanhando a história.

Eu próprio tive um percalço na História em Quadrinhos que publiquei nesse jornal. Dei-lhe o título de ‘O Reino Proibido’ e tinha um avanço considerável, pois o jornal continuava a ser bi-semanal. Aconteceu que nessa época estava a trabalhar no ateliê do Manuel Rodrigues e Sebastião Rodrigues em publicidade, bem como em montras e exposições documentais. Em dada altura a equipa foi deslocada para Coimbra, pois tínhamos de montar uma exposição na Universidade; o trabalho prolongou-se mais do que o previsto e esgotou-se o avanço que tinha da história sem ter no local condições de continuar a desenhar a continuação. O Raul Correia estava desesperado e ia escrever no jornal “que por doença do autor ainda não nos é possível neste número...”. Mas só consegui terminar as pranchas em falta quando regresssei a Lisboa. Curiosamente, nesse espaço de tempo o formato do jornal havia sido alterado, para o dobro. Valeu-me fazer os originais duas vezes maiores do que o tamanho da publicação.

Cardoso Lopes e Raul Correia formaram uma empresa com o nome de Edições O Mosquito e foram editados mais jornais e revistas, como **Engenhocas e Coisas Práticas**, **Coleção Aventuras**, **Volta ao Mundo**, entre outros títulos.

Ao fim da tarde normalmente começavam a chegar à redação colaboradores e outros amigos do Tiotónio, como o Eduardo Teixeira Coelho, Stuart Carvalhais (que litografava diretamente nas chapas offset as capas de sua autoria para a revista **Magazine**, uma das publicações das Edições O Mosquito), o José Padiña (novelista), o Pintéus de Sousa (que dirigia um jornal humorístico, **Riso Mundial**, impresso também na oficina de **O Mosquito**), o Capitão Baptista Rosa (diretor da revista **Filmagem**, edição da casa), o Santos Fernando (grande humorista que publicava histórias em jornais do Brasil e estava empregado numa casa de sementes em Lisboa), o António Velez (autor da maioria das construções de armar), o Sena Fernandes (um pintor chinês de Macau que utilizava um dos recantos da redação como ateliê), o Preto Pacheco (pintor com carreira e que fazia companhia ao Sena Fernandes no “seu” espaço), os irmãos do Tiotónio, Álvaro Cardoso Lopes (capitão da equipa de hóquei em patins que levou Portugal a campeão mundial em 1947) e Augusto Lopes (inventor e técnico de som). Também presente o Roussado Pinto, que entretanto já estava integrado na redação do jornal, e o dono da Agência Upi, Manuel Mesquita dos Santos. Este foi quem fornecia as histórias de origem americana. A irmã mais nova do Tiotónio, Mariana Cardoso Lopes, e a Tia Nita, diretora de ‘A Formiga’, suplemento de **O Mosquito**, passava por lá só a seguir ao almoço quando saía da faculdade.

A reunião dava-se na sala onde eu selecionava as cores. Era a que agradava mais ao Tiotónio. Tinha duas janelas disponíveis para a rua, as outras estavam na sala de composição tipográfica e na sala da máquina e aí não havia espaço nem ambiente para a tertúlia. Nessas tardes falavam de tudo, de arte, das novas Histórias em Quadrinhos de origem norte-americana e francesa, dos acontecimentos recentes, das novidades, de política, e de anedotas, algumas verdadeiras que estavam sempre a acontecer a cada um deles. Eu precisava de estar concentrado na seleção das cores mas ia ouvindo deliciando-me. Só quando terminava as chapas podia participar. Eram todos muito simpáticos e tratavam-me de igual, partilhando as conversas. O Stuart, que sabia das minhas incursões no Jardim Zoológico para desenhar os animais, um dia ofereceu-me um original seu que saíra pouco antes no **Diário de Notícias**, a apresentar o circo e onde desenhara uns animais. Conservo-o na minha galeria de obras oferecidas pelos amigos.



Pois este era o ambiente na redação de **O Mosquito**. Tratavam-se assuntos sérios, trabalhava-se intensamente para produzir o jornal duas vezes por semana, mas havia um sentido de humor inimaginável. Era o extravasar da tensão criada durante um dia pleno de trabalho intenso, que se prolongava por sábados e às vezes domingos.

Terminei assim a descrição do que assisti nos anos em que trabalhei em **O Mosquito**, que para mim foram anos de ouro. Sob o aspecto cultural, claro.

Antes de trabalhar em O Mosquito, José Ruy iniciou sua carreira em O Papagaio.

Quando aos 14 anos acompanhado pelo meu pai me desloquei ao jornal **O Papagaio** a mostrar os meus desenhos, fui recebido pela chefe de redação Helena Arroyo, que gostou deles e pediu uma história para o número de Natal que estava próximo. Sugeriu fazer o desenho de um Presépio, que ela logo destinou as páginas centrais. Corria o ano de 1944.

Eram desenhos incipientes, os que fazia, já nessa altura tinha a nítida noção disso, mas para melhorar o traço era importante ver o trabalho publicado, só assim podendo observar as alterações surgidas depois de ser reproduzido e de ter passado pela “calandra mecânica”. O processo gráfico era muito diferente do que se nos apresenta hoje, com o digital.

Não havia ainda a fotocópia para nos mostrar o efeito da redução. Utilizava uma lente de uns óculos antigos de meu pai, que era míope. Posta em posição entre o original e o meu campo de visão, conseguia ver a imagem mais pequena. Ajudava, mas era insuficiente, pois além da redução, havia no acto da impressão o engrossar do traço, o que obrigava a evitar fazer muitos pormenores que depois se transformariam em pequenos borrões. Isso passou-se três anos antes de ingressar na equipa de **O Mosquito**. Fiquei colaborador efetivo e passei a frequentar uma ou duas vezes por semana a redação, que estava instalada numa das salas da Rádio Renascença, na Rua Capelo, perto de onde se encontrava a Biblioteca Nacional. Era sempre pelo fim da tarde, altura em que a Helena Arroyo exercia ali o seu trabalho, pois tinha outras ocupações, creio que de professora. A sala da redação era ampla, com grandes janelas que deitavam para a Rua Ivens. Cheirava a alcatifas e à madeira dos móveis, nada parecido com o odor adocicado das tintas de impressão da redação de **O Mosquito**, que tinha em fundo o som cadenciado das máquinas de imprimir, das oito horas até à meia-noite.

O Méco, pai do grande artista Zé Manel, também colaborava com os seus deliciosos desenhos. Pertencia à equipa de **O Século Ilustrado**, dirigida pelo Mestre João Rodrigues Alves, com quem eu tinha aulas na Escola António Arroio. Era quase sempre pelo telefone que lhe indicavam os pormenores das ilustrações que precisavam. Depois, quando se dirigia para **O Século**, passava de raspão pelo **O Papagaio** para entregar o material. Era raro encontrarmos-nos na redação, só por coincidência, mas com frequência eu visitava a sala de desenho de **O Século** para falar com o Mestre Alves e encetei aí uma boa amizade com o Méco, o Domingos Saraiva e o Baltazar. Alguns colaboradores também enviavam para **O Papagaio** o material pelo correio, por morarem fora de Lisboa.

Nesse jornal, cada um combinava fazer a história que lhe apetecia e gostava mais. As capas e contracapas em conjunto com as páginas centrais eram impressas na Litografia Salles, mas o interior era impresso pelo processo tipográfico nas oficinas da União Gráfica, que pertencia ao mesmo grupo editorial, incluindo a Rádio Renascença. O interior do jornal era preenchido com contos, novelas e pequenas secções sempre ilustradas. Criaram, entretanto, um “Concurso dos Cognomes dos Reis de Portugal” e confiaram-me a tarefa de fazer as ilustrações. Este concurso durou muitos meses. Fui-me “desengomando” conforme as possibilidades e os fracos conhecimentos que tinha.

Pouco tempo depois a Helena Arroyo saiu e o Carlos Cascais, que tinha dirigido a extinta revista **Faísca**, foi preencher o seu lugar. Durante todo o tempo da minha colaboração em **O Papagaio**, nunca vi o diretor, que também não interferia na sua orientação. Era apenas o responsável perante a “censura”, que exigia como garante uma pessoa reconhecidamente idónea e diplomada. Quem punha e dispunha era o chefe de redação. Ao sabor da nossa imaginação e seguindo as tendências da época, fazíamos histórias de piratas, corsários, polícias e ladrões e aventuras no Oeste americano, com lutas contra os índios, sem que alguma vez nos interpelassem nem “aconselhassem” a escolher outro tema. O ambiente na redação era agradável e simpático, numa constante troca de opiniões e sugestões. Depois de estar mais ambientado na redação de **O Papagaio**, levei comigo o meu colega da Escola António Arroio, o Vítor Silva, que sendo o mais novo era de todos nós o que melhor desenhava já. Ficou também colaborador, o que podemos chamar de residente.



22-2000 CIDADE ABERTA

Edgard Guimarães

Ionaldo Cavalcanti registra em seu livro **O Mundo dos Quadrinhos**:

“Série escrita e desenhada por Edmundo Rodrigues, em 1972, para a Editora Taika. Trata-se do repórter Márcio Moura, que aproveita as facilidades que seu trabalho permite, para ajudar a lei a combater o crime.”

Eduardo Cimó escreve em seu **Fã-Zine** nº 18, dedicado aos Heróis Nacionais:

“São aventuras do repórter policial Márcio Moura, do jornal **O Globo**, que passavam na TV Globo, onde Márcio era interpretado pelo ator Jardel Filho. Nos anos 70, estas aventuras foram transportadas para os quadrinhos, com desenhos do mestre Edmundo Rodrigues, publicadas em revistas próprias pela Rio Gráfica e Editora. Só que esta série teve pouca duração.”

A Wikipédia trouxe um texto sobre o seriado original feito para TV:

“**22-2000 Cidade Aberta** foi um seriado brasileiro exibido entre os anos de 1965 e 1966, sendo considerado o primeiro seriado da televisão brasileira. Co-produzido pela TV Globo Rio de Janeiro, jornal **O Globo** e Herbert Richers, foi patrocinado pela Shell. Originalmente exibido todas as segundas às 22h, passou a ser exibido aos domingos às 23h. O seriado estreou no dia 27 de abril de 1965 e durou até 28 de agosto de 1966. O seriado conta as aventuras de Márcio Moura (Jardel Filho), um veterano repórter policial do jornal **O Globo**, que investiga crimes cometidos. Ele sempre conta com a ajuda do jovem foca (no jargão jornalístico, significa profissional iniciante) Carlinhos (Cláudio Cavalcanti), e de vez em quando entra em conflito com o editor de **O Globo** (Antônio Petrin). A dupla de repórteres muitas vezes tinha que disputar os casos com o delegado (Fregolente). Nessa época, o número que integrava o título da série, 22-2000, era uma referência ao telefone do jornal **O Globo**. Cada história contava um enredo completo. ‘O Rapto de Miss Brasil’ e ‘O Roubo da Coroa Imperial’, como os títulos indicam, eram referências aos mistérios a serem desvendados pelos repórteres. O primeiro episódio, ‘30 Moedas’, teve como atores convidados Jece Valadão e Vera Vianna. Elizabeth Gasper participou do episódio ‘O Assassino’, e Sônia Dutra atuou em ‘A Isca’, os dois exibidos em maio do ano de estreia. Em 1966, ano em que a série foi encerrada, as aventuras do repórter Márcio Moura se adaptaram para os gibis da Rio Gráfica e Editora (hoje Editora Globo), através do roteirista e desenhista de suas histórias Edmundo Rodrigues, o mesmo que, nos anos de 1950, havia desenhado as histórias de *Jerônimo, o Herói do Sertão*, famoso seriado transmitido pela Rádio Nacional e pela Rede Tupi. Em 1969, quatro anos depois do fim de *22-2000 Cidade Aberta*, o repórter Márcio Moura ganhou um longa-metragem, **A um Pulo da Morte**, com direção de Victor Lima. O seriado também contou com a participação de atores como Milton Moraes, Jorge Dória, Dary Reis e Paulo Padilha.”



A adaptação de livros, filmes, seriados para cinema e TV sempre foi muito utilizada pelas editoras. A Rio Gráfica e Editora já havia publicado, com sucesso, duas revistas adaptadas de seriados radiofônicos, *Jerônimo, o Herói do Sertão* e *Aventuras do Anjo*. Parece natural, portanto, que o seriado produzido pela TV Globo em 1965 logo ganhasse revista de quadrinhos pela editora da mesma empresa, O Globo. Assim, o seriado **22-2000 Cidade Aberta** ganhou seu gibi homônimo, que deve ter sido lançada entre final de 1965 e início de 1966, a RGE na época não colocava data em suas edições. A revista durou apenas 5 números e a causa provável do cancelamento deve ter sido o fim do seriado televisivo, além, é claro, das vendas, que não devem ter sido significativas.

Pelo título da primeira história da revista, ‘Trinta Moedas’, pelo mesmo do primeiro episódio do seriado, deduz-se que os roteiros feitos para TV, creditados a Domingos Oliveira, foram usados para as adaptações para Quadrinhos. Tanto a adaptação quanto os desenhos são creditados a Edmundo Rodrigues. Cada episódio para TV tinha duração de 30 minutos e cada história adaptada tinha cerca de 15 páginas. Cada número da revista trazia duas histórias completas.

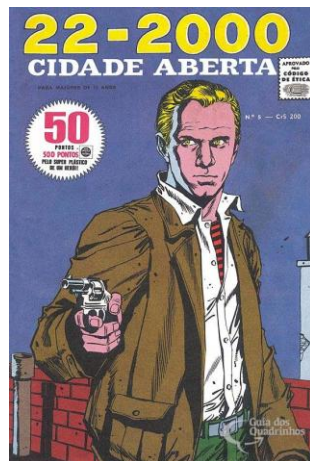
O tema do seriado, e consequentemente da revista de Quadrinhos, é muito interessante. Trata-se de um seriado policial, mas centrado nas investigações feitas por um repórter de jornal. Esse repórter, Márcio Moura, talvez estivesse em declínio na carreira, indisposto com o chefe de redação, esse aprofundamento da relação profissional não aparece nos Quadrinhos, apenas há alguns entrevistos superficiais entre o repórter e seu chefe e também entre o repórter e o delegado. Nunca assisti a um episódio da TV, mas tenho a impressão que a adaptação de Edmundo Rodrigues ficou aquém das tramas televisivas. O título do seriado, **22-2000 Cidade Aberta**, faz referência a um número de telefone que o jornal **O Globo** tinha exclusivo para receber dicas de reportagens dos leitores. Ou seja, o cidadão ligava para este número para avisar o jornal de algum acontecimento que pudesse ser notícia, normalmente assassinatos ou assaltos. As reportagens que viriam daí não seriam para as primeiras páginas do jornal, daí deduzo que fosse uma tarefa relegada a algum repórter em decadência, a algum foca, como era o caso do auxiliar de Márcio Moura, e, como aconteceu em um episódio, a uma estagiária.

O seriado procurou seguir a tendência das obras artísticas da década de 1960, tentativas de retratar a realidade brasileira, com personagens e tramas verossímeis, fatos e gente do dia-a-dia, mas também aproveitando os próprios estereótipos da época. O primeiro episódio é bem sintomático. Gira em torno de um criminoso implacável, cuja gênese remete à infância pobre e sofrida, interpretado justamente por Jece Valadão, que fez sua carreira em cima desses tipos. Valadão já era figura altamente reconhecida pelos seus papéis em **Os Cafajestes**, de 1962, e **Boca de Ouro**, de 1963. E a ideia em voga de atribuir ao contorno social as responsabilidades pelos desvios de comportamento está lá.

Os outros episódios quadrinizados apresentam também temas interessantes, embora, como eu suspeite, não tenham sido bem aproveitados na adaptação. Um deles, ‘O Mistério dos Raptos’, publicado no nº 3, traz dois temas importantes. O primeiro é que trata do sequestro de bebês para venda a casais ricos sem filhos. Um tema muito bom que acaba não sendo bem aproveitado. Márcio Moura resolve o caso com a ajuda de uma estagiária. Este é o outro tema interessante usado. A estagiária formou-se em jornalismo e procura seu espaço na redação, mas é discriminada pelo chefe de redação. Quando Moura a requisita para acompanhá-lo na reportagem, o chefe ainda diz: “Assim me livro dessa amolação”.

Edmundo Rodrigues já era um artista com longa carreira nos Quadrinhos quando assumiu a revista **22-2000 Cidade Aberta**, mas seu trabalho nessa série não é das melhores coisas que fez. Principalmente as cenas de ação e de luta não são bem diagramadas. Também não fez muito esforço em desenhar os personagens com a aparência dos atores do seriado. Márcio Moura apenas em algumas ocasiões se parece com Jardel Filho, como na capa da edição nº 5, cujo autor não assinou. Ao contrário, não sei se intencional ou não, o Márcio Moura de Edmundo parece muito com o Anjo, personagem que ainda era publicado em revista pela RGE. Não acho que tenha sido bom essa identificação visual entre os dois heróis.

Um aspecto curioso da revista **22-2000 Cidade Aberta** reside em suas capas. Das cinco, três delas não seguem o padrão de capas de gibis. A RGE tinha uma equipe de desenhistas e ilustradores de primeira qualidade. E publicava desde início da década de 1940 a revista policial **X-9**. Esta era uma revista quinzenal, de produção barata, onde predominavam os contos policiais, mas trazia também outros materiais, incluindo alguma HQ. As capas de **X-9** eram sempre ilustrações muito bem feitas, para atrair o público leitor. Talvez, em **22-2000 Cidade Aberta**, a editora tenha tentado atrair esse público de **X-9**, fazendo capas distintas das vistas nos gibis comuns. Foram capas atraentes, mesmo a do nº 3, que foi mais simplificada. A mais original foi a do nº 4, feita em cima de fotos de cédulas e uma arma branca. Será que ao tentar atrair os leitores de contos policiais, a revista não acabou afastando os leitores de Quadrinhos?



Um último aspecto curioso foi revelado no nº 7 do **Almanaque Rocky Lane**, produzido por Primaggio Mantovi e lançado em julho de 2015. Primaggio recorda que fez uma capa (que não foi aproveitada) para o nº 1 de **22-2000 Cidade Aberta**. Primaggio na época trabalhava para a RGE e fez a ilustração ao lado, com o personagem principal bem calçado em Jardel Filho. Mas Primaggio diz que a ‘publicação (que seria desenhada por Edmundo Rodrigues) foi cancelada antes do ‘nascimento’, obviamente em função do resultado insatisfatório da série de TV’. Por algum motivo, Primaggio na época não acompanhou a produção da revista.

O “fracasso” do seriado na TV carece de alguma reflexão. Primeiramente, durou 30 episódios durante mais de um ano. Então, não foi tão ruim assim. O ponto principal é que até hoje o seriado nacional não emplacou. O telespectador, por algum motivo, sempre acompanhou seriados enlatados e nunca prestigiou as tentativas nacionais, ao contrário das telenovelas que sempre foram o maior sucesso. Essa tentativa da Globo em 1965 mostra o esforço da emissora em fazer produções nacionais que pudessem substituir as importações, tentando também dar à produção uma identidade nacional. Foi pena não ter tido mais sorte, tanto na TV quanto nos Quadrinhos.

VULTO

DE WELLINGTON SANTOS
SANTOS
POR CHAGAS
LIMA

"HÁ ANOS VENHO COMBATENDO MUITOS
CRIMINOSOS INESCRUPULOSOS COMO
OS TRAFICANTES E MERCENÁRIOS..."

"E TAMBÉM ASSASSI-
NOS DESGRAÇADOS."

"MAS UMA DAS MELHORES COISAS
QUE CONSEGUI NESSE TEMPO TODO
FORAM AS AMIZADES."

Hq feita em 11/08/2014 - Chagas Lima

CHAGAS
LIMA 14

FIM

ORIGEM DOS ANÉIS

Dédy Edson e Fernando Moretti

Texto publicado em *O Fantasma* nº 4, da Opera Graphica, enviado por Abelardo Souza

O Fantasma usa dois anéis com duas marcas. Claro que com o tempo o design mudou um pouco. Senão vejamos: uma das marcas é a da caveira, introduzida por Lee Falk na história ‘The Singh Brotherhood’ publicada de 17/02 a 7/11/1936. Nesse período a marca sofreu alterações, mas parece que Lee Falk não se preocupou muito com tal detalhe de continuidade, nem o desenhista Ray Moore, que estava concentrado em aperfeiçoar o design do personagem – que acabou tendo a caveira como sua marca registrada.



O anel da caveira (usada na mão direita) é temido pelos bandidos, pois se levarem um soco, a marca nunca mais sai, já que foi banhada com uma substância oriunda da selva e só Guran e o Fantasma sabem como removê-la. Isso é mostrado na história ‘O Homem Marcado’ – produzida na Suécia e publicada no Brasil pela RGE na revista nº 363. Numa outra história, ‘The Devil Road’ (1947-48) – publicada no Brasil como ‘A Estrada do Diabo’ pela editora Saber na revista nº 43 – a personagem Connie recebe a marca da caveira na palma da mão como símbolo de proteção. Em 1950-51, na história ‘The Phantom’s Ring’, o personagem Bobby aparece com a marca da caveira pendurada ao pescoço como símbolo de proteção. Nessa época, Lee Falk começou a pensar numa marca diferente para proteção. A novidade aconteceu em 1958, na história ‘Carlyle’s Good Mark’, quando surge a segunda marca (a boa marca), aquela com duas espadas cruzadas. Uns dizem que uma das espadas é Excalibur (do rei Arthur), e a outra é Durandal, espada que pertenceu ao cavaleiro francês Rolando, um dos paladinos do rei Carlos Magno. Tem gente que acha o símbolo parecido com a suástica nazista adaptada. Seja como for, a boa marca aparece pela primeira vez na personagem Connie Carlyle que a usa no pescoço em vez de no pulso. No começo, a forma “P” estava voltada para a esquerda, mas a partir de 1962, na história ‘The Epidemic’, o “P” ficou voltada para a direita. Essa marca (usada num anel na mão esquerda do Fantasma), representa paz e proteção. A pessoa (e família) que recebe esse sinal fica protegida para o resto da vida.



Ilustração feita por Glenn Ford, enviada por Alexandre Yudenitsch.

FÓRUM

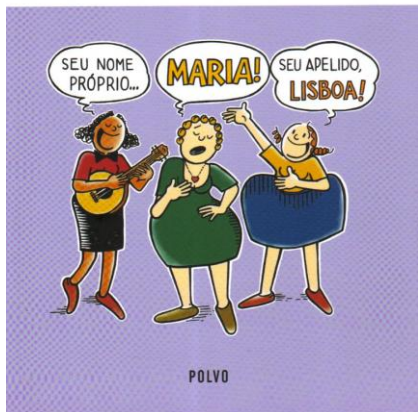
HENRIQUE MAGALHÃES

Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180

Envio-lhe um exemplar de “Fanzine” e um de “Algumas Leituras de Príncipe Valente” como pagamento de direitos autorais sobre nova tiragem de 10 exemplares de cada título. De “Fanzine” já são 170 exemplares da 3ª edição e de “Algumas Leituras”, são 90 exemplares. Segue também o álbum de Maria que lancei em Portugal.

Henrique publicou pela editora Polvo, de Portugal, o livro “Seu Nome Próprio... Maria! Seu Apelido, Lisboa!”, uma coletânea de suas tiras com a personagem Maria.

MARIA
HENRIQUE
MAGALHÃES



Uma curiosidade que não consegui identificar pela leitura. Os textos dos seus balões foram “traduzidos” para o português de Portugal?

Não houve adaptação das tiras para o português de Portugal, apenas algumas alterações na apresentação, feitas por mim e corrigidas pelo Rui Brito. Quanto às tiras, fizemos uma seleção do que poderia ser compreensível em Portugal, eliminando as que estavam muito ligadas à realidade política brasileira. Não sei qual será o nível de dificuldade de compreensão do público de lá, mas há bastante tempo tenho tido o cuidado de fazer tiras que sejam mais universais, que não dependam muito de jogos de palavras ou do contexto local. Porém, às vezes, isso é inevitável. Pretendo fazer a ampliação de uma série de tiras para o formato de página, aumentando o texto e desenvolvendo mais a ideia. Com isso, penso em fazer um álbum que possa ser traduzido para outras línguas, como o espanhol, o inglês e o francês.

TONY MACHADO

Av. 2, Q.56, casa 5 – Conj. Vinhais – São Luís – MA – 65071-075

Segue, para fins de divulgação, um folder sobre “Alienação Parental”, feito para um trabalho de uma turma de Direito da Universidade CEUMA, aqui do Maranhão. A ilustração e a HQ que constam no folder são creditadas a mim.

LIO G. BOCORNY

R. Jerônimo V. das Chagas, 55/104 – Florianópolis – SC – 88063-660

Quanto ao oferecimento de trabalho sobre Capitão Atlas, fica o assunto superado, pois recebi carta de Magnago enviando material que elaborou que esgota o assunto, uma vez que ele enfocou muito mais que eu faria. Quem nasceu em 1959 (como Edgard) ou em 1958 (como Magnago) não imaginam a sensação de ouvir uma radiofoniação de Capitão Atlas, ou de Tarzan, ou também de Jerônimo, o Herói do Sertão, era de um gibi elevado à décima potência. Só esta sensação o Magnago não transmitiu, porque ele não sentiu, no mais foi perfeito em seus fanzines tão reveladores. Lembrome que em abril de 1953, quando tinha 10 anos e estava no internato, ingressando no ginásio, teve início as transmissões radiofônicas desse herói! O horário era depois das 18 horas na Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, sob o patrocínio dos produtos Royal, época em que devorava gelatina e pudim adoçado para enviar os invólucros para o Clube Royal. A novela irradiada era “A Montanha da Morte” e os personagens tinham o nome de metais. Era a Rainha Prata, o Dr. Mercúrio, Ferro, Bronze, Urânio, Aço, Zinco, Tório (todos bandidos), mas o que mais trabalho dava ao Capitão Atlas era o Tonelada.

A seção ‘Fórum’ revive e relembra o das ‘Cartas’ do Barwinkel, o que faz a alegria do encontro dos quadrinhólogos, especialmente dos “dinossauros”.

Receba o abraço deste amigo gaúcho, hoje aquerenciado nas praias catarinenses, bem próximo ao primeiro campo de pouso brasileiro, onde nos anos 20 aterrissava Saint-Exupéry.

FRANCISCO FILARDI

Est. Adhemar Bebiano,257/306,B1.3 – Rio de Janeiro – RJ – 21051-071

Estou cá a aproveitar o tempo vago para por em dia a leitura e xeretar alguns filmes. Gostei muito do texto do padre Fábio de Mello, “Quem me Roubou de Mim?” (Editora Planeta). Ele aborda, com propriedade, o sequestro da subjetividade e relacionamentos tóxicos. O livro é fácil de ler. Recomendo. Terminei de assistir ao seriado “Glee” e ando já às voltas com “Além da Imaginação” (a série original, dos anos 60). Há episódios muito bons, outros nem tanto, outros ainda totalmente bleh! Mas vale a bisbilhotada. No envelope, seguem os episódios ‘Os transeuntes’ e ‘Nada na escuridão’, ambos muito bons. Visitei a exposição “Castelo Rá-Tim-Bum”, realizada pelo CCBB daqui. O espaço da exposição foi muito bem organizado, penso que reproduziram boa parte dos ambientes do Castelo. A ausência foi da personagem professor Tibúrcio (Marcelo Tas), que não foi retratada. Segue no envelope o livreto distribuído aos visitantes. Segue também o recente exemplar da revista “Tabu”, veiculada pelo grupo Estação Net de Cinema. Estou interessado no documentário sobre a Malala (a revista traz matéria sobre). Assisti a “A Esperança Equilibrada”, sobre o Betinho, e gostei. Não discuto a questão política, mas penso que o trabalho do diretor Victor Lopes foi isento. Vale a bisbilhotada. Tenho recebido seus envelopes aqui, pelo que lhe agradeço o carinho, a amizade e a atenção costumeiras. Chegou também seu “QJ” 135. Fechou a edição com chave de ouro. O questionamento do Poeta Vital expressa a indignação dos homens de bem, face a tantas atrocidades com que deparamos. Mas, pelo jeito que a coisa anda, continuaremos a indagar e a permanecermos indignados...

PAULO JOUBERT ALVES

R. João Luiz dos Santos, 28 E – Santa Luzia – MG – 33140-250

Mais uma remessa com exemplos de Quadrinhos Institucionais, vindos de onde trabalho e de amigos correspondentes, sempre enviando uma boa quantidade de matérias de jornais e fanzines. A aguçê ‘Atletiba de Verdade’ é bem oportuna nesta reta final de campeonato de futebol. Esta semana começa o FIQ em Belo Horizonte, e irei lá conferir com certeza.

ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370

Li, “com interesse curioso”, os comentários do Homem Fera, “Não Está no Gibi!” (E. Figueiredo), depoimento de José Ruy sobre “O Mosquito”, e os textos sobre Maurício e Walt Disney (já publicados em outros jornais). Valeu! Muito! Entretanto, para mim, o ‘Fórum’ vale 50% do “QI”. Ali, encontro debates, relatórios, explicações, entretenimento envolvendo o mundo onírico dos gibis, fanzines... Parabéns. Os meus 135 “QI”s são destaques em minha estante. Envio xerox de ‘Origem dos Anéis’ da Opera Graphica no “Fantasma” em formatinho.

Desejo negociar “Tex Coleção” (RGE) do nº 1 ao 77, todos em boas condições. Procuro os volumes 1º e 5º do “Jornal da BD” encadernados, capa azul, editora Expresso.

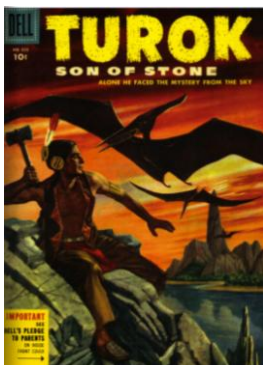
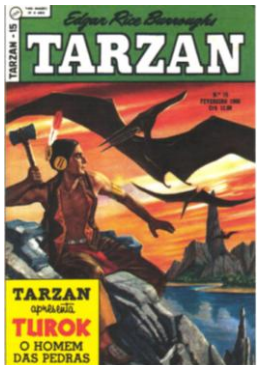
JOSÉ MAGNAGO

R. Jerônimo Ribeiro, 117 – Cach. de Itapemirim – ES – 29304-637

Recebi o ótimo “QI” 135. Tudo perfeito, a começar pela capa. Gostei de tudo o que foi nele publicado. O ‘Fórum’ merece destaque. Sobre a Editora Aliança: foi uma ótima editora dos anos 50, trazendo aventuras diversas, como faroeste, infantis, espaciais, detetives, etc. e traziam lindas capas. Infelizmente não tenho mais dados. Mas acho que ela parou de produzir Quadrinhos porque, na época, a concorrência era grande: Ebal, La Selva, Novo Mundo, Júpiter, Vida Juvenil e Infantil, O Cruzeiro, Rio Gráfica, Vecchi, etc., além das fotonovelas e livros de bolso. Não é como hoje: nada temos nas bancas, a não ser Panini e poucas da Disney e algumas pequenas editoras. O bom é que a Pixel está publicando Fantasma, Mandrake, Recruta Zero, coloridas e clássicas.

Sobre os heróis nacionais, gostaria de saber se você ou algum leitor do “QI” tem alguns dados sobre TITAN, publicado nos anos 60, e era ofertado nas cestas de natal Titanus. Parece que foi produzido nos estúdios da Continental, que publicava Capitão 7, Capitão Estrela e outros heróis. Quem escreveu os textos? Quem desenhou? Só sei que saíram 2 números. Saíram mais? Gostaria de ter estas informações.

Sobre Turok: foi publicado na revista “Tarzan”, pela Ebal. Apareceu pela primeira vez no “Tarzan” nº 14, nova série, de janeiro de 1960, e logo no nº 15 apareceu na capa, e depois nos nºs 16, 17, 19, 21, 22, 24 até 27, 31, 33, 41, 44, 46, 48. Só sei até aí. Depois não tenho dados. Na editora O Cruzeiro: em dezembro de 1969, “O Guri”, numa fase diferente, onde só aparecia o nome ‘O Guri’ bem pequeno, acima (tipo Ebal) e o destaque dos heróis era em letras grandes, em seu nº 12, ano II, Turok aparece. Esse logotipo ‘O Guri’ estava nessa época menor, quase manuscrito. Turok apareceu também em “Homem do Espaço”, com o título pequeno e em letras grandes “Almanaque Turok”. Tenho um anúncio de vários almanaques da editora O Cruzeiro, em março de 1971, onde consta o “Almanaque Turok”. Não tenho outros dados.



“Tarzan” (2ª série) nº 15, da Ebal, de fevereiro de 1960, e “Dell Four Color” nº 656, da Dell, de 1955, a segunda edição a trazer Turok.

Sobre Titan, reproduzo o que o Eduardo Cimó escreveu em seu “Fã-Zine” nº 18, sobre os Heróis Nacionais:

“O Cavaleiro Titanus se transforma no Titan quando pronuncia a palavra “Big!, que é um gênio do bem. O Titan é um herói invencível, que realiza as mais ousadas façanhas, defendendo os fracos e oprimidos contra gênios do mal e perseguidores dos bons. A revista “Aventuras do Herói Titan” vinha nas cestas de Natal Titanus, e publicada pela Titanus Publicidade Ltda, impressa na Editora Continental, SP. A revista número 1 foi publicada em outubro de 1960.”

A editora Cruzeiro começou a publicar em maio de 1968, a revista “Magnus enfrenta os Robôs” dentro do título ‘O Guri’. Este primeiro ano durou até o nº 8, de dezembro. Em 1969, o ano II trouxe Magnus nos 11 primeiros números. O nº 12, de dezembro, trouxe “Turok”. Que eu saiba, o título ‘O Guri’ não voltou a ser usado pela Cruzeiro. O título ‘Homem no Espaço’ foi usado para publicar 10 números de Joe Cometa (Adam Strange) em 1961, 12 números em 1962, depois 12 números de “Perdidos no Espaço” em 1968. Em 1969, os 5 primeiros números foram ocupados por “Perdidos no Espaço”, os 4 seguintes por “Guerra Total” e os 3 últimos por “Sansão”. A partir de 1970, ‘Homem no Espaço’ virou almanaque mais ou menos bimestral. Em 1970 saíram 7 números, os 6 primeiros com aventuras de Turok e Sansão (e depois também Tom Morrow), alternando os títulos, “Almanaque Turok” para os nºs 1 e 5, e “Almanaque Sansão” para os nºs 2, 3, 4 e 6. O nº 7 foi dedicado a Magnus. Em 1971, saíram 8 números, mantendo a fórmula, com o nome de Turok nos nºs 1 e 6, Sansão nos nºs 3, 5 e 7, e Magnus nos nºs 2, 4 e 8. O nº 2, apesar de se chamar “Almanaque Magnus”, trouxe o miolo com o mix Turok, Sansão e Tom Morrow. Em 1972, ainda saiu um nº 1 de “Almanaque Sansão”.

Em 1978, a Ebal lançou o título ‘Juvenil Mensal’ estrelado por Turok, em formatinho colorido, durante 24 números mais duas edições extras, em 1980 e 1982.

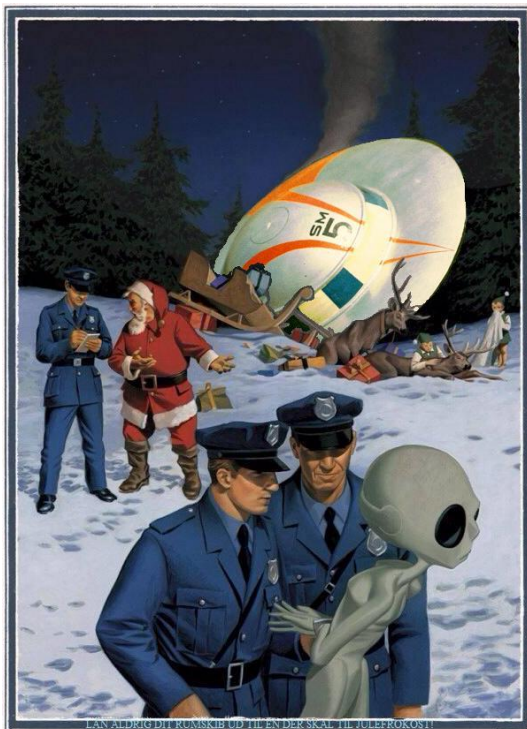


Imagem enviada por José Augusto Pires.

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunção, 171, 3ºDto – Lisboa – 1350-326 – Portugal

Aproveito para agradecer o envio do seu “QI” 134 que, como sempre, nos traz novidades, não só a nível do que se vai editando no campo das edições particulares, como também nas informações que presta aos seus leitores. Algumas das rubricas publicadas no “QI” são constantes e de interesse renovado, é o caso da ‘Liquidação de Revistas’, onde são oferecidas a preços razoáveis muitas publicações de Banda Desenhada, não só brasileiras como portuguesas e que são, sem dúvida alguma, remanescentes das coleções do editor. Trata-se de um modo prático e económico de os leitores poderem adquirir algumas revistas que, porventura, lhes façam falta. Um extenso artigo sobre o Capitão América e do seu sucesso nos Estados Unidos e no Brasil, através da Ebal inicia-se nas páginas desta publicação. Seguem-se informações úteis das numerações e datas dessas revistas publicadas por essa editora, pela Bloch e pela Abril, com as aventuras do Capitão América. Pequenos artigos sobre personagens menos conhecidas e ‘Considerações Sobre Fanzines’, uma entrevista que tem sido publicada pouco a pouco em cada número dos “QI”, trazem informações e opiniões do editor, e lembra que os Fanzines continuam a ter um lugar privilegiado no campo das Histórias aos Quadrinhos. Pela primeira vez as aventuras de Tex foram publicadas em Portugal. Trata-se de um volume muito cuidado e de excelente apresentação, que aconselhamos a quem gostar de ler as histórias desta personagem. Seguem-se o ‘Fórum’, uma rubrica que tem vindo a aumentar no número de cartas dos leitores que escrevem ao editor, apresentando as suas críticas, informações e troca de ideias e, finalmente, a vasta listagem de todas as edições de Fanzines que desta vez se totalizam por quase 100 títulos diferentes. Uma pequena biografia de Maurício de Sousa e uma pequena entrevista a este excelente desenhador, são igualmente de destacar. Lembramos que os desenhos que acompanham cada edição do “QI” são da autoria, na sua maior parte, de Edgard Guimarães. De novo esta publicação oferece aos seus leitores uma pequena brochura com a informação sobre 70 personagens de Banda Desenhada, que Edgard Guimarães escolheu para assim destacar e informar da sua criação, com o nome dos seus autores, datas e revistas onde surgiram pela primeira vez as suas aventuras. É lembrado no seu início o livro “O Mundo dos Quadrinhos” de Ionaldo A. Cavalcanti, que não conheço, mas em contrapartida tenho “Esses Incríveis Heróis de Papel” do mesmo autor. Lembra também que nessa edição se verificaram alguns erros o que nada é mais natural, em obras deste género. Lembro de quando fundei o Clube Português de Banda Desenhada e começámos a publicar o “Boletim”, um Fanzine que se iniciava com artigos e informações sobre a 9ª Arte, comecei a publicar um artigo com as coleções que eu conhecia de Banda Desenhada, seus nomes, datas e numeração final... algumas delas tinham erros, pois embora eu tivesse o número que julgava ser o último da coleção, acabavam por aparecer mais um ou dois mais tarde. Isto sem contar que havia números que não foram publicados e ninguém conhecia tal facto. Mais uma vez os meus agradecimentos e continue com este excelente trabalho que tem vindo a nos oferecer.

Cá estou num intervalo das minhas novas atividades, a dedicar a melhor atenção ao seu “QI” 135. Vi logo que a sua popularidade aumentou pois em Portugal já começam a falar da sua publicação, nos blogues e nas reuniões de Banda Desenhada. É bom sinal, pois sem dúvida alguma muitas das suas informações irão por certo interessar alguns colecionadores e simpatizantes da 9ª Arte. Uma pequena brochura de 32 páginas recheada de informações é um achado, nada mais justo engrandecê-la. Verifiquei também que teve acesso ao blogue BDBD, onde se encontram à disposição dos seus visitantes uma série de artigos do desenhador José Ruy (um dos nossos decanos) e que possui uma invejável atividade, como ele próprio destaca na sua carta, com os álbuns que já se encontram previstos serem publicados com trabalhos seus. Tem também uma forte ligação com o Clube Português de Banda Desenhada e foi devido aos seus esforços e simpatia que me atrevi a tentar por o CPBD de novo em funções. A sua capacidade de trabalho é notável, sendo ou não adepto das novas tecnologias, considerando a sua proveta idade, pelo que estamos perante um facto quase único neste campo.

Ainda bem que assim é, pois incentiva desse modo os mais jovens a acompanhá-lo nestas lides. Vi o meu artigo, que agradeço e também a sua contínua montra de revistas de Banda Desenhada brasileira e portuguesa que oferece aos seus leitores, numa oportunidade de, a preços módicos, poderem adquirir algumas edições para as suas coleções. Li também alguns dos seus artigos que, como sempre, nos elucidam e dão igualmente a conhecer personagens da Banda Desenhada brasileira que, de outro modo acabariam esquecidos das gerações mais jovens. Na verdade, também nunca ouvi falar de “João e Maria” editado pela Ebal... Mas não estranho, já que esta editora lançou algumas edições soltas... Um dos artigos que também me despertou a atenção foi o sobre o Walt Disney, ‘Visionário e Louco Como um Rato’. Na verdade, eu também sempre tive a ideia que o Walt Disney foi um homem cheio de sorte... primeiro pela sua mulher que batizou o seu rato como Mickey e não Mortimer como ele queria, segundo, ter o irmão que teve e que o orientou nos momentos financeiros mais difíceis da sua vida, e em terceiro lugar, conseguir contratar para o seu Estúdio uma equipa de desenhadores, nomeadamente Ub Iwerks, que se manteria ao seu lado durante alguns anos, ajudando-o a singrar e a alcançar o sucesso que teve. Na verdade, Walt Disney era um conhecedor daquilo que as crianças queriam na sua época e isso traduziu-se pelos êxitos alcançados durante a sua vida e a sua aposta nos vários filmes de animação de longa metragem, que ajudou a concretizar apesar dos altos custos de produção, como sonhador, não como desenhador. Teve, pois, muita sorte, pois o lançamento do seu parque de diversões viria a concretizar todas as suas expectativas. Notei que o número de páginas das cartas dos leitores no ‘Fórum’ está a aumentar, sinal que cada vez mais o seu “QI” está a ser direcionado para uma gama de leitores altamente cativados pelo seu trabalho. As edições independentes são também cada vez mais. Ambos marcam o nascimento de um mercado mais apelativo e ávido de conhecimentos, que as suas edições do “QI” estão a criar e renovar.



‘Ecos de Iwo Jima’, imagens enviadas por Roberto Simoni.

Você escreveu:

Infelizmente, a história das editoras no Brasil nunca foi contada, o que é uma pena. A Opera Graphica ganhou uma coleção de 13 volumes. Mas acordou logo. O Anibal Cassal também teve esse sonho. O Ota queria fazer o trabalho, mas sendo bem pago para isso, não conseguiu. Paciência.

Desconfio que, fora as dificuldades de obter informações corretas sobre um passado relativamente longínquo (para depoimentos, creio que um período que abrange coisas de até 80 anos atrás possa ser assim considerado), a falta de tradição cultural quanto à objetividade (um aspecto que o Cesar Silva me esclareceu bastante, ao longo do tempo) seria um obstáculo quase intransponível (pois, inclusive, necessariamente incluiria comportamentos duvidosos e/ou condenáveis, potencialmente difamatórios, etc...). E imagino que o ‘mercado’ para um trabalho sobre isso seria muito pequeno, incluindo aí todas as pessoas (físicas e jurídicas) que iriam efetivamente pagar para obter exemplares de tal trabalho...

Acho que o Anibal Cassal ou o Ota teriam condições de fazer um bom trabalho sobre as editoras brasileiras. No caso do Cassal, o problema foi que ele se desencantou de fazer fanzines e não houve o que o demovesse. O Ota queria uma bolsa de um ano num dos projetos de incentivo cultural da Petrobrás, mas não foi aprovado. Uma vez o trabalho feito, talvez desse para publicar num desses projetos de prefeituras e governos de estado, pelo menos o registro ficaria. Outra solução seria através de projetos acadêmicos, com bolsa para produção do trabalho. Mas aí o problema é outro, quem dentro da academia teria condição de fazer algo desse tipo?

Mudando de assunto, agradeço o envio do penúltimo “QI” de 2015, o 135. Creio que, a esta altura, já deve estar ‘na reta final’ o “QI” 136, então melhor aguardar sua chegada para novos comentários – mas vale citar a carta do Luiz Antônio Sampaio, trazendo mais informações sobre como as tiras diárias eram/foram vistas no Brasil, no passado (hoje em dia, realmente, aqui e no resto do mundo, creio que poucos ligam para elas, a não ser ‘en passant’), e sua lembrança sobre as diferenças de gostos entre leitores de diferentes países: à sua comparação entre o Brasil e os EUA, acrescento os exemplos de personagens que, no mundo, também variaram muito em popularidade e permanência, especialmente o Fantasma (o de Falk, claro), que até hoje está ‘vivo’ na Austrália (com mais de 1400 gibis publicados desde 1948 – ver charge anexa) e Sucúcia.



Acabei esquecendo de comentar sobre a capa... Mais uma vez, acho que minha mente não trabalha do modo como você esperava, e não deve ser apenas falta de conhecimento ‘mineirístico’: Algum dos três personagens representados faz referência a pessoas/personagens conhecidos? As características físicas deles são significativas? Quem é João Pedro? Por que tanta relutância em tirar o adesivo (qual a finalidade dele)? (“Num ‘ai tia!’ quer dizer “Não vai tirar!”, como imaginei?) Qual a relevância disso para quadrinhos?

A capa do “QI”, quando não é uma ilustração, pode ser um cartum, como nesse 135. Não há nenhuma referência a não ser a mania que muitos pais têm de colocar um adesivo no vidro traseiro do carro anunciando que têm um filho pequeno. João Pedro é só um dos nomes que vi por aí. No “QI” anterior, sim, havia uma referência ao pinguim Paulinho da Disney.

Como, em ambos assuntos acima, você só respondeu sobre uma parte do que escrevi, acho que não quis comentar o resto, então vou respeitar sua escolha (digo isso porque minha tendência tem sido ‘insistir’, e acho que preciso aprender a me conter mais).

No caso da “história das editoras”, imagino que o ponto que você achou crítico é que as editoras (em particular, as pequenas) eram pródigas em canalhices, publicar coisa sem pagar direitos, dar tombos nos artistas e por aí vai. E ficaria complicado escrever essa história de contravenções sem acabar sendo processado pelos bandidos. É realmente um caso sério. Mas é que a minha preocupação é outra quando me refiro à história das editoras. Minha preocupação é a de colecionador, a de saber o que foi publicado e quando. Ou seja, a minha história das editoras é um subconjunto bem reduzido do que seria mesmo uma História das Editoras. Mas concordo com você que a tarefa, sob este aspecto, é mesmo impossível.

Entendi, e realmente esse ponto de vista ‘bibliográfico’ deve oferecer menos perigo; porém, para mim isso não seria uma “história das editoras de quadrinhos no Brasil”, e, sim, uma “bibliografia histórica dos quadrinhos no Brasil”, interessante para colecionadores, historiadores e bibliotecários, mas bem distante de uma “história das editoras de quadrinhos no Brasil”... Aliás, creio que tal objetivo, no âmbito maior, é inexequível, mas histórias das editoras específicas seriam, sim – e as que já foram feitas, em geral, seguiram por esse caminho: Ebal, Rio Gráfica/Globo, La Selva, etc. Continua o problema do risco de processo por calúnia, mas talvez, com âmbito mais restrito, quem tem ou teve contato ou intimidade com a editora específica e as pessoas envolvidas talvez conseguisse ‘navegar’ esse mar cheio de recifes (e tubarões) sem perecer.

ASSIS LIMA

R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440

Aproveito esta para agradecer pela rebuscada dos quadrinhos que você e os cooperadores fazem, confesso que tem coisas no “QI” que nem tinha ouvido falar (e olhe que sempre me esforcei para conhecer esse mundo dos Quadrinhos que é extenso), mas é muito bom o trabalho da galera. Segue, em janeiro, um novo “Quadro-Negro”, o n° 45 com quadros inéditos, o lançamento “Yom”, com quadros reflexivos e o “Mini Mensa”, que é uma experiência nova.

ALAEERTE GOLZENLEUCHTER

R. Silva Jardim, 568/62C – Piracicaba – SP – 13419-140

Acho que as cartas do ‘Fórum’ estão virando a parte principal do zine, porque acabam criando um espaço de discussão sobre HQs bem interessante. A ‘Mistérios do Colecionismo’ ainda é a minha favorita, porque ajuda muito os colecionadores (ou não!).

Na penúltima página, você cita um papel de carta a qual você não se recorda do motivo que o levou a elaborá-la, levando-se em conta as figuras que estão presentes. Veja só, Edgard, a única relação que encontro entre eles é que os 3 primeiros participaram da redação do “Pasquim” (que foi até + ou – 1991) e o último foi uma figura chave justamente do regime muitas vezes combatido pelo “Pasquim”, pois Delfim Netto foi várias vezes ministro, da Fazenda, Planejamento e até da Agricultura... Será que você tinha a intenção de criar uma historinha nesse sentido? Fica a pergunta.

ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – Penha – São Paulo – SP – 03734-130

Como sempre, você nos brinda com belos artigos, os teus 3 artigos e o ‘Poeta Vital’ (gosto muito) e os 4 desenhos de Henfil, Ziraldo, Jaguar e Delfim Neto, pena que você não findou a página. Muito bom o artigo publicado no jornal português “Correio da Manhã” a respeito de Maurício de Sousa. Mas o que mais gostei foi do depoimento do mestre José Ruy. Eu tenho diversas revistas e álbuns do José Ruy, ele fez coisas lindas. Vou citar algumas só em álbuns: “ABC Criminal”, “Charles Chaplin”, “O Bobo”, “Ubirajara”, “Peregrinação”. Sou fã do mestre, o homem já tem 85 aninhos, parabéns a ele e vida mais longa ainda. Estou lendo o ‘Fórum’, com a opinião dos teus leitores, rapaz, só tem “fera”, é gente que realmente entende de Quadrinhos, mas você merece ter leitores dessa qualidade, são a nata mesmo! Parabéns também ao Espedicto Figueiredo pelo envio do artigo publicado no jornal “O Estado de S. Paulo” sobre Disney. Em setembro, eu e a minha esposa fizemos uma viagem que eu queria fazer há tempo. Sabe onde é esse lugar? É a tua terra, principalmente as cidades históricas. Curti muito todas as cidades, Congonhas do Campo, Mariana, Ouro Preto, Tiradentes, São João Del Rey, além de Belo Horizonte, Sabará, Gruta de Maquiné, Cordisburgo, terra de Guimarães Rosa. Eu, que sou apaixonado pela História do Brasil, quando vi essas cidades históricas, parecia que estava no meu velho Portugal, muitas aldeias são semelhantes, parecia o meu Minhocal na década de 1950, quando vim para o Brasil. Gostei demais do povo mineiro, educado demais, para os padrões brasileiros. E a comida mineira? É como a portuguesa, gostosa demais. É como diz a música: Ó, Minas Gerais, quem te conhece, não esquece jamais! Éta trem bão, só!

Queria te pedir um favor, gostaria que você publicasse a foto que tirei com a minha querida mestra Alda Cabral, que foi tirada em 2010, quando estive em Portugal, quando Alda foi homenageada, eu não a conhecia, ela merece todo o meu carinho e respeito, é como uma irmã muito querida. Também estou te enviando um trabalho que ela me enviou, um quadro de Jesus Cristo e mais um desenho do Gui Amaro, que te envia um caloroso abraço.

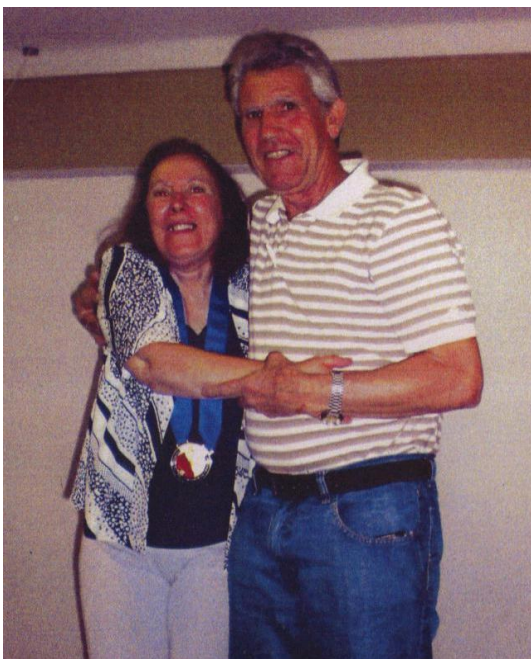


Foto de Antonio Armando Amaro com Alda Cabral.

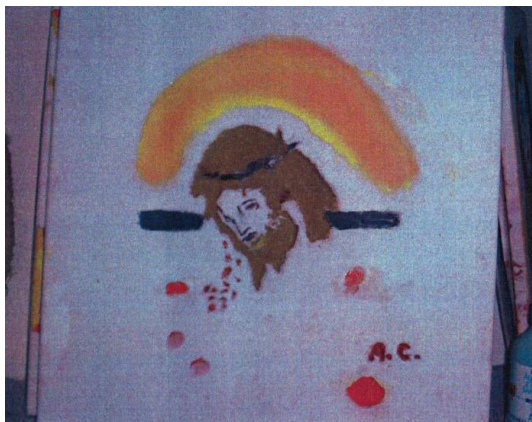


Foto de quadro pintado por Alda Cabral.



Ilustração de Guilherme Amaro.



Cartão de Ano Novo enviado por Márcio Sno.

Acabei de receber o “QI” 135 e me interessei por alguns títulos anunciados. Tratam-se dos exemplares “Bárbara”, “La Fortaleza Movil”, “El Mundo Subterráneo” e “Nueva York Año Cero”, todos da coleção “Suplemento Skorpio”, que, me parece, é aquele periódico argentino.

As edições mencionadas são da própria editora Record (Argentina), que editava a revista “Skorpio”. Acho que os volumes compilam histórias publicada na revista. São publicações baratas, com papel jornal, impressão mais ou menos, como a própria “Skorpio”. Mas o conteúdo é muito bom.

As revistas já chegaram e são sensacionais, exatamente o que eu esperava. Sou fã do quadrinho argentino e sempre que encontro uma “Skorpio”, compro, nunca me arrependi. Fico imaginando como será que publicam estes álbuns. Será que vêm encartados na revista normal ou são vendidos avulsamente?

Acho que essa coleção ‘Suplemento Skorpio’, apesar do nome ‘suplemento’, era independente, compilando séries (algumas delas) que haviam saído na revista “Skorpio” (algumas apareceram na “Skorpio” brasileira da editora Vecchi). Um detalhe interessante dessa coleção é que um número pode ser composto de vários volumes. Assim, o n°1 é composto de 8 volumes de “Barbara”, o n° 2, de 8 volumes de “Avar Mayor”, o n° 3, de 4 volumes de “Henga”, intercalando as aventuras de seu filho, “Hor, el temerario”. Os números seguintes foram “La Fortaleza Movil” (n° 4, 1 volume), “El Mundo Subterráneo” (n° 5, 1 volume), “Nueva York, Año Cero” (n° 6, 1 volume), “El Mago” (n° 7, 1 volume), “Wakantanka” (n° 8, 1 volume), “Las Pesadillas” (n° 9, 1 volume), “Tagh” (n° 10, 2 volumes), “El Cimarrón” (n° 11, 1 volume) e “Yo, Ciborg” (n° 12, 1 volume). Acho que as outras séries que apareceram na “Skorpio” não foram compiladas na coleção ‘Suplemento Skorpio’. Mas pelo menos uma delas, ‘Precinto 56’, virou um álbum com capa dura de outra coleção da Record chamada ‘Serie Oro’. Nessa saíram coisas boas como algumas adaptações de romances feitas por José Salinas. A Record também publicou 3 volumes reunindo as 3 séries de El Eternauta.

Tem razão, são revistas grandes, até maiores que a “Skorpio”. É um pouco estranho que se chamem de ‘suplemento’. Talvez na Argentina o termo tenha outra conotação. Achei em meio à minha coleção mais um volume da série, trata-se de “Tagh”, uma aventura de ficção científica pós-apocalíptica. Tenho um exemplar capa dura de “Precinto 56” pela Record, mas está subtítuloado como ‘Serie Coleccionistas’. Talvez seja outra edição. Tenho o primeiro arco de “El Eternauta” em uma minissérie de 11 volumes pela Record, em papel couchê e em cores. Uma edição muito superior a que a Martins Fontes publicou aqui.

O “Precinto 56” que tenho é mesmo da ‘Serie Coleccionistas’. Outros volumes dessa coleção que consegui são “El Ultimo de los Mohicanos” de Salinas, “El Cobra” de Collins e del Castillo, “Ann y Dan” de Pratt, e “Grandes Novelas de Aventuras” de Salinas. Na coleção ‘Serie de Oro’, consegui “Lo Mejor de Hugo Pratt”, “Hernan el Corsario” de Salinas, “Watami” de Oesterheld e Moliterni, “Los Tres Mosqueteros” de Salinas, “La Isla del Tesoro” de Pratt, “Las Minas del Rey Salomon” de Salinas, e “Ella – Ayasha” de Salinas. Eu consegui com o Oscar Kern os 11 fascículos de “El Eternauta”, mas em preto e branco. Essa primeira série é realmente a melhor. As outras duas séries escritas por Oesterheld não foram uma continuação da primeira, mudou muito o enfoque. Todas desenhadas por Solano Lopes. Ele ainda desenhou uma quarta série escrita por outro autor no final dos anos 1990, essa eu não tenho.

Sei que “El Eternauta” tem sido republicada seguidamente na Argentina, e deve ter muitas edições. Essa que tenho é mesmo muito especial, pois o trabalho de cor é primoroso. A segunda parte também saiu no Brasil pela Martins Fontes. O Quadrinho argentino é uma mina de ouro, pena o nosso intercâmbio ser tão ruim.

Mudando de assunto, vou despachar para você três fanzines que alunos meus fizeram na última oficina que fiz este ano, uma turminha muito boa como você vai perceber. Se quiser, pode ver antes nas versões digitais que coloquei no Fanzinarium:

<http://fanzinarium.blogspot.com.br/2015/12/minha-pequena-infancia.html>

<http://fanzinarium.blogspot.com.br/2015/12/alice-chefe.html>

<http://fanzinarium.blogspot.com.br/2015/12/safira.html>

O Lucas, autor do Safira, é um dos fundadores da Gibiteca Balão, de Itaquera, que ganhou o VAI de Sampa, mas são todos estreantes. Eles ficarão felizes se você puder divulgar no “QI”.

Também seguirão junto com os zines algumas publicações institucionais do Maurício que andei colecionando para você.

JÚLIO SHIMAMOTO

Estrada Mapuá, 358 – Taquara – Rio de Janeiro – RJ – 22713-321

Muito obrigado pelo “QI” 135! Chegou trazendo matérias interessantes. O que nos conta E. Figueiredo em ‘Não Está no Gibi!’, é similar à experiência que todos tivemos na infância, que muito contribuiu para que fôssemos crianças felizes. Outra matéria que me tocou muito: ‘Depoimento de José Ruy’. Testemunhei essa fase artesanal da tipografia de caixa e da fusão de tipos (linotipia), das pequenas oficinas gráficas, quando fui assistente e office-boy no estúdio de Promoções das Lojas Sears, nos meados dos anos 50.



Cartão enviado por Denilson Reis.

Divulgação do “QI” 134 feita por CESAR SILVA em seu blog: <http://mensagensdohiperespaco.blogspot.com>

Está circulando o número 135 do fanzine “Quadrinhos Independentes – QI”, editado por Edgard Guimarães, dedicado ao estudo dos quadrinhos com destaque à produção independente e aos fanzines brasileiros.

Esta edição traz 32 páginas com artigos sobre o personagem Homem Fera e o quadrinhista Maurício de Sousa; transcrições de diversos textos colhidos nos jornais e na internet, entre os quais sobre Walt Disney e também sobre o jornal português “O Mosquito”; quadrinhos de Chagas Lima e do editor, e as seções fixas ‘Fórum’ (com 7 páginas!), ‘Mantendo Contato’ e o catálogo ‘Edições Independentes’ com os lançamentos do bimestre. A capa traz uma ilustração de Guimarães com uma discretíssima aplicação de cor com caneta hidrográfica.

Para obter exemplares da publicação, é necessário fazer assinatura anual. Maiores informações pelo e-mail edgard@ita.br.

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

13 DICAS PARA AUTORES INDEPENDENTES

O maior anseio de um autor de Quadrinhos é ver seu trabalho publicado. Essa máxima percorre o espectro cultural de todos os que gostam de Quadrinhos e ultrapassa a linha divisória entre o leitor e o produtor. É um grande passo, que poucos conseguem executar e que, quando é efetuado, não tem mais volta!

A grande maioria dos profissionais de Quadrinhos começou publicando suas histórias em fanzines, revistas alternativas, coletâneas e em outro suporte físico. Evidente que muitos começam a expor seus trabalhos nos meios eletrônicos, mas não há nada igual ao prazer de ver seus traços ou roteiros impressos no papel! Nem um quadrinhista perde o sonho de tingir as páginas de uma revista com suas ideias e motivações.

Para aplacar essa sede de tinta ou de publicação, apresentamos treze passos para quem ainda não sentiu o gosto amargo do nanquim!

Vamos partir da ideia que você já tem uma HQ ou um conjunto de HQs ou tiras que sejam suficientes para compor uma publicação. Assim, é mais fácil desenvolver seu projeto.

1. Reúna todas as histórias que você pretende publicar. A partir da quantidade total de páginas, você pode planejar sua edição. O ideal é um múltiplo de 8: 8, 16, 24 ou 32 páginas de miolo. Não esqueça as páginas de expediente, texto de apresentação da publicação e biografia do autor ou autores. Se a quantidade não for suficiente, acrescente mais HQs, ilustrações ou textos relacionados com sua criação.



2. Defina o tamanho de sua edição de acordo com seus originais. Tamanhos 13,5x20,5cm, 17x24cm, 17x26cm ou 21x28cm são os mais usados e visíveis, mas você pode projetar outros tamanhos, até pouco usuais.

3. A publicação vai ser em cores ou preto e branco? Esse é um aspecto importante até para produzir seus originais.

4. Definido o projeto gráfico, a ordem das HQs, a colocação das outras páginas, vem um elemento primordial: a capa. A capa vai vender e mostrar qual é o conteúdo da publicação. Ela vai refletir também o estilo, a motivação e a qualidade artística do autor. Crie uma ilustração que mostre o personagem principal e algumas situações que apresentem sua HQ principal.

5. Após definir sua ilustração de capa, você deve criar um título chamativo, colorido e de fácil visualização e empatia. A preferência é que sejam uma ou duas palavras para a leitura rápida. Não esqueça de colocar subtítulos para ativar a curiosidade do leitor.

6. Para imprimir uma publicação, você precisa de dinheiro suficiente para, pelo menos, o custo gráfico. Se não tiver capital para esse primeiro investimento, é melhor não arriscar!

7. Com tudo pronto, você também deve definir a tiragem de sua publicação. Quanto mais exemplares, mais barato ficará o preço final do produto. Mas quanto mais exemplares, mais difícil distribuir e vender! As tiragens mais usuais e mais em conta são 500 ou 1.000 exemplares. Para definir isso, você deve considerar sua capacidade de distribuição e venda.

8. Depois de todas essas definições, resta o autor fazer vários orçamentos gráficos com tiragens diferentes. Consulte também formas de pagamentos parcelados que todas as gráficas oferecem. Converse também com outros autores ou editoras, para que indiquem empresas que façam impressão, acabamento e entrega adequados. Talvez o preço mais barato não seja o melhor trabalho gráfico.



9. Reúna todos os custos: gráfica, produção, material artístico, transporte, alimentação e tudo o que estiver relacionado com a criação de sua edição. Depois defina o preço de capa que deve ser no mínimo três vezes o custo total do exemplar. Assim, se o custo total de produção é de R\$ 3,00, a publicação deve custar R\$ 9,00 ou R\$ 10,00.

10. Impressa sua edição, vem o trabalho mais cansativo e intrincado: vender sua publicação. Evidente que você deve reservar um pequeno número de exemplares para os familiares, os amigos e para seu arquivo pessoal, mas não abuse! Você pode vender de mão em mão, num lançamento, em eventos, feiras de Quadrinhos, e deixar em consignação em comics shops, em livrarias ou em bancas de jornais. Também deve vender pela internet, através de sua página pessoal e procurar uma distribuidora para que sua edição chegue a locais que você não poderia ir. Mas não esqueça que a distribuidora vai cobrar uma porcentagem e que o local de venda também tem a sua! Normalmente o autor fica com 50% do preço de capa.

11. Faça uma boa divulgação na internet, em outras publicações, boca a boca e até na mídia do lançamento de sua publicação.



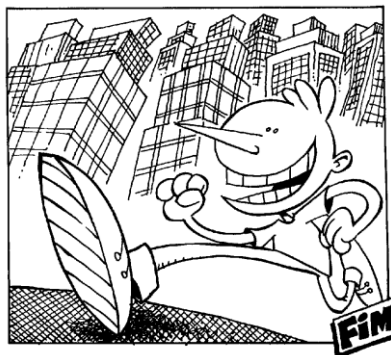
12. As vendas de publicações independentes são demoradas. Geralmente se vende bem nos primeiros meses do lançamento e depois bem picado. Assim, o autor recebe valores pequenos que acabam sendo consumidos com as despesas de exposição da publicação e com o dia a dia. Nessa situação, o capital inicial demora para ser restituído e o lucro das vendas é pouco percebido.

13. O estoque de sua primeira edição pode ser apreciável e assim você precisará de outras estratégias para que o encalhe desapareça e gere algum lucro. Você pode vender os exemplares por um preço mais baixo ou fazer promoções agregando outras edições ou produtos à sua publicação.

Todas essas dicas servem para que o autor conheça a realidade da produção, edição e venda das revistas independentes. Não é um mar de rosas, mas a possibilidade da publicação ser bem divulgada, vendida e se tornar um portfólio eficiente para o jovem autor é bem efetiva. Ter um capital de giro, muita iniciativa para expor suas ideias e sua arte e vontade de publicar novas edições são a chave para continuar nesse mundo misterioso, perigoso e prazeroso dos Quadrinhos Independentes.

Boa sorte e persista!

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA



As ilustrações usadas neste texto são de Antonio Eder, retiradas do minifanzine "A Saga de um Fanzineiro", roteiro de Edgard Guimarães, encarte do "Q1" 100, de dezembro de 2009.

EDIÇÕES INDEPENDENTES

QUADRINHOS

ANTÍLOPE * nº 1 * fev/2013 * 124 pág. * 180x240mm * capa color. * R\$ 30,00 * a/c **Douglas Utescher** - C.P. 777 - São Paulo - SP - 01031-970 - www.ugrapress.com.br.

ARQUIVO * nº 51 * jan/2014 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

BASÍDIO * nº 1 * dez/2015 * 88 pág. * 210x280mm * capa color. * a/c **Rosemário Souza** - Av. Espanha, 1787 - B. Tiberly - Uberlândia - MG - 38405-048.

BILLY THE KID * nº 25 * nov/2015 * 40 pág. * A5 * capa color. * R\$ 8,00 * **Arthur Filho** - R. Espírito Santo, 232/02 - Porto Alegre - RS - 90010-370.

CAFÉ ESPACIAL * nº 14 * 2015 * 100 pág. * A5 * capa color. * R\$ 15,00 * **Sérgio Chaves** - C.P. 12 - Vera Cruz - SP - 17560-970 - www.cafeespacial.com.

CAFÉ ESPACIAL * nº 15 * 2015 * 100 pág. * A5 * capa color. * R\$ 15,00 * **Sérgio Chaves** - C.P. 12 - Vera Cruz - SP - 17560-970 - www.cafeespacial.com.

CARTUM * nº 99 * nov/2015 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 90,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CASTELO DE RECORDAÇÕES * nº 46 * dez/2015 * 40 pág. * A4 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

OS 5 PROCURADOS * edição bônus incluída no CD gratuito com a 15ª edição de "Cris" * 2015 * 22 pág. * capa color. * **Ricardo Alexandre** - R. São Domingos, 1065 - B. Piscina - Andradina - SP - 16901-420.

CLUBE PLANET HQ * nº 68 * dez/2015 * 8 pág. * A5 * **José João de Arruda Filho** - R. Caranguejo, 249 - Eldorado - Diadema - SP - 09970-100.

COELHO NERO * 2014 * 16 pág. * A5 * color. * **Omar Viñole** - omar@estudiobandadesenhada.com.br.

CRIS * CD gratuito com a 15ª edição de "Cris" * 2015 * 16 pág. * capa color. * **Ricardo Alexandre** - R. São Domingos, 1065 - B. Piscina - Andradina - SP - 16901-420.

DEVORADORES DE GIBIS * nº 22 * nov/2015 * 12 pág. * A4 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

EL FANZINE * nº 4 * 2015 * 40 pág. * 180x260mm * capa color. * **Equipe El Fanzine** - el-fanzine.blogspot.com.br.

ERA UMA CASA MUITO ENGRAÇADA * *Erick Carjes* * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * a/c **Douglas Utescher** - C.P. 777 - São Paulo - SP - 01031-970 - www.ugrapress.com.br.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * *Rob the Rover em inglês* * nº 18 * 2015 * 70 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * *Rob the Rover em inglês* * nº 19 * 2015 * 76 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * nº 37 * 2015 * 52 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * nº 38 * 2015 * 52 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

GATOS & ALFACES * *entrevista, HQ e CD com trabalhos de Edgar Franco* * nº 6 * ago/2015 * 36 pág. * A4 * **Luiz Carlos Barata Cichetto** - contato@gatosealfaces.com.br.

GIBI DE FAROESTE * nº 1 * out/2015 * 60 pág. * 180x260mm * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

HISTÓRIA DA PARAÍBA * 2ª edição * ago/2011 * 132 pág. * 160x230mm * capa color. * R\$ 25,00 + porte * **Emir Ribeiro** - C.P. 5068 - João Pessoa - 58051-970 - www.emirribeiro.com.br.

JORNAL GRAPHIQ * nº 98 * out/2015 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** - C.P. 153 - Suzano - SP - 08675-970.

JORNAL GRAPHIQ * nº 99 * nov/2015 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** - C.P. 153 - Suzano - SP - 08675-970.

KHNEIRA * nº 13 * dez/2015 * 8 pág. * A6 * **Marcelo D. Amorim** - R. Anapurus, 32, cs.01 - São Gabriel - Belo Horizonte - MG - 31980-210 - khneira@gmail.com.

MUIRAQUITÃ * *Alex Mir e Rebeca Caroline Acco* * 2014 * 68 pág. * 170x240mm * capa color. * R\$ 20,00 * a/c **Douglas Utescher** - C.P. 777 - São Paulo - SP - 01031-970 - www.ugrapress.com.br.

O MUNDO DE YANG * *Orlandeli* * 2015 * 70 pág. * 190x190mm * capa color. * R\$ 20,00 * a/c **Douglas Utescher** - C.P. 777 - São Paulo - SP - 01031-970 - www.ugrapress.com.br.

NOVA 35 ANOS * tomo 2 * out/2011 * 68 pág. * 155x225mm * capa color. * R\$ 16,00 + porte * **Emir Ribeiro** - C.P. 5068 - João Pessoa - 58051-970 - www.emirribeiro.com.br.

Panorama Internacional de Zines e Publicações Independentes * 2015 * 12 pág. * tabloide * capa color. * R\$ 2,00 * a/c **Douglas Utescher** - C.P. 777 - São Paulo - SP - 01031-970 - www.ugrapress.com.br.

PRESEÇA FOCADA * 2015 * 32 pág. * A6 * **Danielle Barros** - C.P. 88 - Teixeira de Freitas - BA - 45985-970 - danbiologa@gmail.com.

QUADRANTE SUL * nº 7 * ago/2015 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

42 ANOS DE VELTA * out/2015 * 100 pág. * 155x225mm * capa color. * R\$ 12,00 + porte * **Emir Ribeiro** - C.P. 5068 - João Pessoa - 58051-970 - www.emirribeiro.com.br.

QUESTÃO DE KARMA * *Laudo Ferreira e Alexandre Santos* * 2015 * 28 pág. * 210x280mm * capa color. * R\$ 10,00 * a/c **Douglas Utescher** – C.P. 777 – São Paulo – SP – 01031-970 – www.ugrapress.com.br.

Seu nome próprio, MARIA! Seu apelido, Lisboa! * n° 6 * nov/2015 * 60 pág. * 165x220mm * capa color. * R\$ 20,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

SIBILANTE REVISTA * n° 1 * 2015 * 28 pág. * A5 * capa color. * **Danielle Barros** – C.P. 88 – Teixeira de Freitas – BA – 45985-970 – danbiologa@gmail.com.

TALVEZ SEJA MENTIRA * *Shiko* * 2015 * 20 pág. * 110x155mm * capa color. * R\$ 25,00 * a/c **Douglas Utescher** – C.P. 777 – São Paulo – SP – 01031-970 – www.ugrapress.com.br.

UGRITOS * *Chico Félix* * n° 1 * 2015 * 20 pág. * A6 * capa color. * R\$ 7,00 * a/c **Douglas Utescher** – C.P. 777 – São Paulo – SP – 01031-970 – www.ugrapress.com.br.

UGRITOS * *Cynthia B.* * n° 2 * 2015 * 20 pág. * A6 * capa color. * R\$ 7,00 * a/c **Douglas Utescher** – C.P. 777 – São Paulo – SP – 01031-970 – www.ugrapress.com.br.

UGRITOS * *DW Ribatski e Gabriel Góes* * n° 3 * 2015 * 28 pág. * A6 * capa color. * R\$ 7,00 * a/c **Douglas Utescher** – C.P. 777 – São Paulo – SP – 01031-970 – www.ugrapress.com.br.

UGRITOS * *Rafá Campos* * n° 4 * 2015 * 20 pág. * A6 * capa color. * R\$ 7,00 * a/c **Douglas Utescher** – C.P. 777 – São Paulo – SP – 01031-970 – www.ugrapress.com.br.

UIVO * n° 4 * nov/2015 * 8 pág. * A6 * a/c **Danielle Barros** – C.P. 88 – Teixeira de Freitas – BA – 45985-970 – danbiologa@gmail.com.

OS ÚLTIMOS DIAS DE WELTA * *CD com HQs de Welta de 1979 a 1985.* * R\$ 25,00 + porte * **Emir Ribeiro** – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

VELTA & RAI0 NEGRO * n° 4 * nov/2015 * 52 pág. * 155x225mm * capa color. * R\$ 16,00 + porte * **Emir Ribeiro** – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

VELTA 2015 * jul/2015 * 40 pág. * 155x225mm * capa color. * **Emir Ribeiro** – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

VELTA, a Super-Detetive * *CD com os n° 1 a 5 da revista virtual "Velta, a Super-Detetive"* * jan/2014 a mai/2014 * R\$ 25,00 + porte * **Emir Ribeiro** – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

VELTA, a Super-Detetive * *CD com os n° 6 a 10 da revista virtual "Velta, a Super-Detetive"* * jun/2014 a out/2014 * R\$ 25,00 + porte * **Emir Ribeiro** – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

VELTA, a Super-Detetive * *CD com os n° 11 a 15 da revista virtual "Velta, a Super-Detetive"* * nov/2014 a mar/2015 * R\$ 25,00 + porte * **Emir Ribeiro** – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

VELTA, a Super-Detetive * *CD com os n° 16 a 20 da revista virtual "Velta, a Super-Detetive"* * abr/2015 a dez/2015 * R\$ 25,00 + porte * **Emir Ribeiro** – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

25 ANOS DE VELTA * 1998 * 124 pág. * 220x315mm * capa color. * R\$ 10,00 + porte * **Emir Ribeiro** – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

VELTA CONTRA A CAMALEOA * *CD com HQs de "Minizine", de 1983 a 1987* * R\$ 25,00 + porte * **Emir Ribeiro** – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

ASTAROTH * n° 65 * dez/2015 * 4 pág. * A4 * **Renato Rosatti** – Av. dos Lagos, 382 – Veleiros – São Paulo – SP – 04774-000.

BOCA DO INFERNO * n° 11 * nov/2015 * 4 pág. * A4 * **Renato Rosatti** – Av. dos Lagos, 382 – Veleiros – São Paulo – SP – 04774-000.

JUVENATRIX * n° 174 * dez/2015 * 15 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

AUGUSTUS – Cotidiano e Urbanidade * 2015 * 68 pág. * A5 * a/c **José João de Arruda Filho** – R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09970-100.

O CAPITAL * n° 257 * nov/2015 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * n° 258 * dez/2015 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

JORNAL DO SÁBIO * n° 806 * 2015 * 1 pág. * A4 * **Antônio Fernando de Andrade** – R. D. João Moura, 305 – Engenho do Meio – Recife – PE – 50730-030.

MEGAROCK * *a força do Rock n' Roll* * n° 63 * set/2015 * 12 pág. * A4 * **Fernando Cardoso** – C.P. 3535-1 – Diadema – SP – 09950-971 – contato_fernandocardoso@hotmail.com.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

BOLETIM DA AFBN * n°s 45, 46, e 47/2015 – C.P. 6261 – Ag. W3 – 508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971.

CONTATO DIRETO * n° 190 * **Armando F. Gonçalves** – R. Duarte da Costa, 9 1/2 – Ferraz de Vasconcelos – SP – 08525-410.

COTIPORÁ CULTURAL * n° 60 * **Adão Wons** – R. Marfílio Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95335-000.

DE CARA COM A POESIA * n° 64 * **Malungo** – poetamalungo@yahoo.com.br.

EPISÓDIO CULTURAL * n° 22 * set/2015 * **Carlos Roberto de Souza** – R. das Andorinhas, 398 – Vila Centenária – Machado – MG – 37750-000.

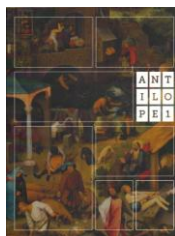
O GARIMPO * n°s 124 e 125 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

O MURO * n° 23 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

VIDA E PAZ * n° 174 * **Mauro Sousa** – R. Manoel Nascimento Júnior, 366, fundos – São Vicente – SP – 11330-220.

A VOZ * n° 145 * Av. Dr. José Rufino, 3625 – Tejipió – Recife – PE – 50930-000.

GALERIA DE CAPAS





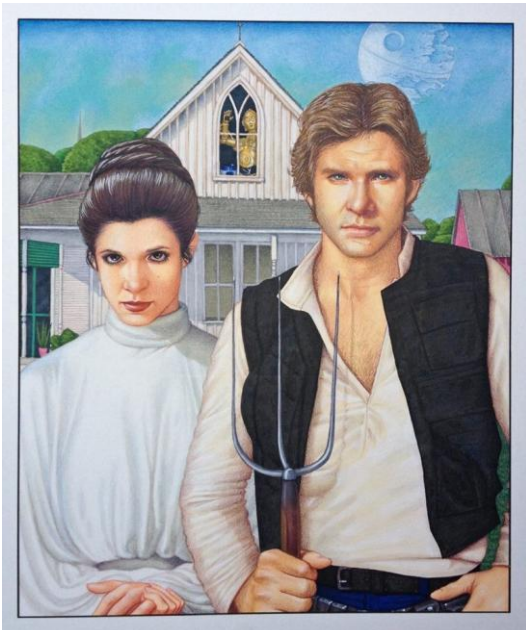
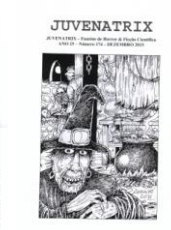


Imagem enviada por Roberto Simoni.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou cartilha sobre o Bolsa Família e panfleto “Guia Prático do Código de Posturas”, ambos da Prefeitura de Belo Horizonte; o “Guia Nutricional McDonald’s”; reportagem em Quadrinhos publicado na “Gazeta do Povo”; panfleto ilustrado das Testemunhas de Jeová; revista “Sesinho” nº 68, do SESI; e panfleto do produto Frontline, para uso veterinário, da Merial. **Tony Machado** enviou o folheto “Alienação Parental”, com suas ilustrações e HQ, feito para a Universidade CEUMA. **Luiz Cláudio Lopes Faria** enviou cartilha ilustrada por Jean Galvão, “Pegada Ecológica”, produzida pelo INPE, de São José dos Campos; folheto ilustrado “Área Azul”, da Prefeitura de Taubaté; folheto ilustrado de combate à Dengue, da Câmara Municipal de Taubaté; panfleto ilustrado das Testemunhas de Jeová. **Francisco Filardi** enviou catálogo da Exposição “Castelo Rá-Tim-Bum” feita no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo; revista com amostra do romance “Os Abduzidos”, de Robson Pinheiro. Consegui edição com amostra do livro “Diário de um Banana – Bons Tempos”.



Ilustração de Benjamin Peppe, de Paulo Miguel dos Anjos, feita por Adauto Silva.

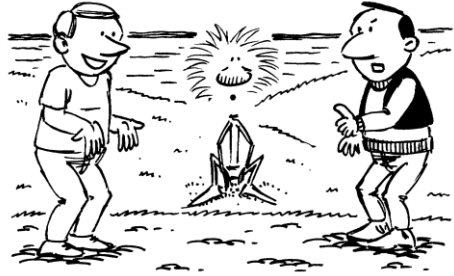
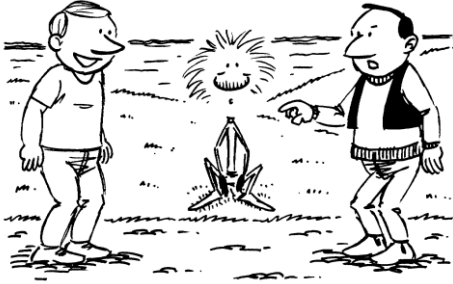
Poeta Vital

Ô, POETA, VOCÊ
NUNCA TENTOU
FAZER LETRA
DE MÚSICA?

EI! LETRA DE
MÚSICA NÃO É
POESIA!

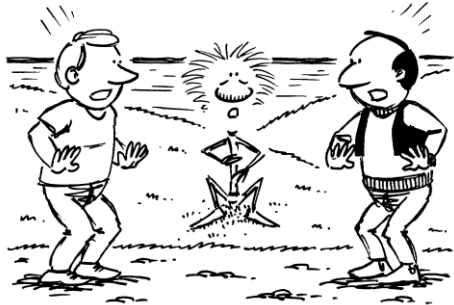
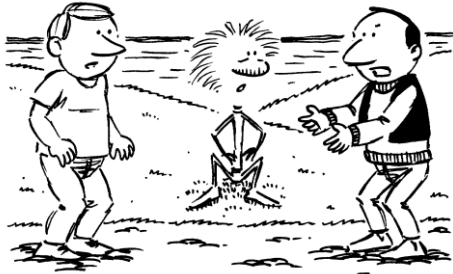
COMO NÃO?
TEM VERSOS,
MÉTRICA,
RIMA...

MAS A PRESENÇA
DA MELODIA NÃO
DEIXA O VERSO
SER POESIA!



QUANDO O POETA TENTA
COLOCAR OS VERSOS NUMA
MELODIA, ESTA RESTRINGE SEU
ESFORÇO A TAL PUNTO QUE O
RESULTADO NÃO PODE SER
CONSIDERADO POESIA...

EU NUNCA TINHA PENSADO
NESSA QUESTÃO DAS
RESTRICÇÕES NÃO PERMITIREM
A CONCRETIZAÇÃO DO
IDEAL POÉTICO!



VOCÊ NÃO ESTÁ
FALANDO EM VERSOS!!!

NÃO SERIA TAMBÉM A DIVISÃO
EM ESTROFES, O RITMO, A MÉTRICA,
A RIMA, TUDO ISSO, LIMITAÇÃO
A IMPEDIR A REALIZAÇÃO
DO POETA?...

